



O

ALABAMA



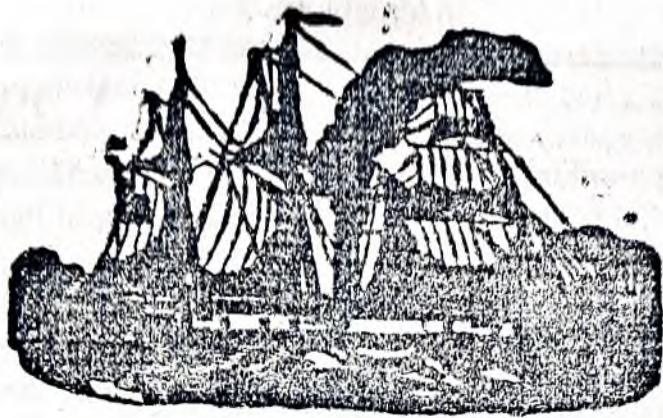
1865

A

1867



H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

3 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 3.^a—N.^o 50

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordi^a n. 17, onde se recebe assignaturas a 1^o \$ rs. por series de 10 numeros, ou 3^o \$ rs. por series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicaçõe^s. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do
Alabama 2 de abril de 1866.

Falla

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Fazendu provincial,

Considerações sobre alguns ramos de receita.

O tabaco paga bem; mas como é objecto de luxo, pague outro tanto, e o publico que toma nas ventas bula mais com as algibeiras.

Isto é que é intender!

O imposto sobre baleia que se desmanchar dentro da decima urbana, nada rende; e de mais é odioso pois que ha so um estabelecimento neste genero; deve por tanto desaparecer do orçamento.

E' assim que se faz justiça. Em quanto Meuron deve pagar o duplo, porque é estrangeiro, Abreu nada pague por que é *po-tenencia*, da Penha.

Hoje a cousa é assim; quem é estrangeiro soffra: assim o disse o Sr. F. L. Ferreira na sessão da camara municipal, quando se tratava das machambombas.

Secretaria.

Vae bem. O intelligente cidadão que a dirige é digno da confiança da gente, quan-

to mais de um gato que tem a felicidade de poder ser alguma cousa nesta feliz e decantada Latronopolis.

Eis o que ha; o que colhi, o quo pude arranjar para pedestal de minha futura estatua.

Nada mais é preciso dizer-vos; vossas luzes, vossa sabedoria, vosso patriotismo, vossa dedicação, supprirão o que não puderam imaginar nem obrar as manhas do vosso humilde servo

GATO MARISCO.

EXPEDIENTE.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, perguntando-lhe, com a devida venia, que providencias houve n'um arrombamento e roubo que houve à rua de Baixo, em caza de uma mulher cujo nome ignora-se, e que a deshoras, perturbava o socego publico com repetidos gritos d'aqui d'el-rei.

Faz-se esta pergunta, porque talvez seja ella a participação que tenha a nossa previdente policia de tal facto.

—E' sempre assim! Os pequenos são sempre os soffredores!

—Que ha?

—E' a camara que não tem dinheiro para pagar aos trabalhadores, aos operarios que contracta.

—Pois admira! A semana passada o subdlogado da Rua do Paço, apezar de

ser secretario da Illma., deu uma busca completa nos açougues, acompanhado do fiscal e fez multas a valer! Multou até um homem porque tenha no açougue um fogareiro em que cozinhas; era porcaria!

—Não sei; o que ha é que no Matedouro ha obra em que estão empregados carapinas, pedreiros e canteiros e os pobres dos homens não vêem dinheiro a sete semanas completas, dizem; estão a *jejua* uma quaresma inteira com o acrescimo dos domingos.

—Não pode ser, não creio, não ha quem disso me convença, nem que arremente de provas.

—Boas maneiras!

—E depois si deve, ha de pagar-se.

—Mas deve tambem notar-se que pobres operarios não tem outro recurso sinão o de seus braços, e o dia inteiro empregam elles alli, confiados em ter dinheiro no fim da semana.

Ninguem ignora o que é um sabbado para o jornaleiro, e pois deve attender ás suas necessidades quem precisa como elles.

—Pois bem, pregue seu sermão, e veja si a camara lhe ouve.

—Que haviam apparecer os cavallos para subida de ladeiras e incommodo do publico!

—Não diga; commodidade para o publico tem elles trazido.

—Isto é la para quem se dá bem com cavallo. Mas não tem visto o que fazem os moleques?

Na Conceição da Praia levam os cavallos para o banho e fazem completas cavalhadas; atropellam a todo mundo.

Na ladeira da Misericordia dava-se o mesmo, quando voltavam elles a conduzir os animaes em que subiam os passageiros.

Maltrataram uma vez uma preta!

—Mas que quer? De quem é a culpa? Pois a policia não pode obrigar os donos do taes cavallos, a terem conductores certos?! Não pode estabelecer e impor-lhes uma multa?

Quem quer moça bonita, bole com a bolça; quem quer ganhar, gasta, emprega capitaes.

Não é possivel que por interesse de um ou dous possam a vir ser prejudicados todos os que andam pela rna.

—Ainda bom que V. concordou; vejamos si a policia tambem concorda comigo.

—Tem lido a *Constituição*?

—Tenho.

—Tem visto como o Gustavo anda apaixonado?

—Tenho.

—Ama cega, louca, perdida, desvairadamente uma linda mulher que o despreza.

—Pois é pena. O Gustavo não é feio; tem bonitos bigodes, um ar alleminado, porte gentil, todo amarolletico e o seu *toilette* da imprensa ja passou á tribuna.

—Mas bem feito lhe seja! Agora é que elle ha de saber que valor tem uma *eapona*. Aposto que si elle arranjasse uma que fallasse á menina, aposto em como a deusa render-se-hia em tres minutos ao poder irresistivel daquelles dous azevichados olhos!

—Podera! . . .

—Que diabo de trapalhada é uma com a musica d'artilharia?

—E' que serve na policia e n'artilharia; é, como dizem os capotes, uma alma em dous *corpos*.

—E a policia nem é corpo; tem apenas uma enfiada de officiaes, não passa de uma companhia.

—E dizem que a musica está sendo subsidiada pelos cofres provinciaes.

—Ainda mais esta!

Precisa-se de dinheiro para tudo que é urgente, necessario, util e não o ha; para biscoas, sinecuras, luxos porcos, sempre apparece!

—E que necessidade ha de ter a policia musica?

Já a quizeram extinguir, já a extinguiram talvez, e agora que a policia é provisoria tem o luxo d'uma musica emprestada, que a nação paga!

—São cousas da epocha; é preciso que a provincia tenha musica para bailes, passeios e actos publicos.

—Historias: por cima muita farofia, por baixos molambos só.

—V. tem reparado na maneira triste porque aqui chegam os inspeccionados do Sul? Tem visto que traje sordido? Tem-os visto de pés ao chão?

—Tenho, e admira-me que vindo ellos da corte, logar de illustração, venham para aqui maltrapilhos.

—Faz lastima ver os que vieram no *Cruzeiro do Sul*. Andam de enfiada, descalços, em mangas de camisa esfarrapada, a mendigarem. Dir-se-hia que o ministro toma-lhes o fardamento, porque quando não, voltariam fardados, visto que não é possível que no Rio andassem de tão triste maneira.

—Amigo, ca e la más fadas ha. O que ha a notar somente é a ingratição do governo com pessoas que foram arrancadas de seus longinquos lares, para defender uma patria que não reconhece sacrificios.

—Attendei!

A *Constituição*, periodico conservador, chama os seus adversarios politicos:

Batalhões de ratoneiros e ratonices;
Tropas de velhaquetes e velhacotes;
Companheiros do olbo-vivo, gatu-
nos e gaviões.

Esquadrões do devora, de espertalhões e machacazes;

Legiões de mamarrotes, chuchadores, chupitantes e cerrantes;

Socios de pepinciras e afilhadagens;
Potestades dos contractos, dos escandalos e emprezas.

E amanha os seus hão de dizer que os adversarios injuriam, que prosti-
tuem a imprensa, que criam paschins.

—Deixal-os; fica publico o facto e o mundo vae correndo.

A PEDIDO

—O Dr. Domingos Aberem é safado!

—Basta ver-lhe a lata deslavada para ter certeza.

—Pois não é caloteiro?!

—Ora que novidade!

Quem tem cara de fazer as acções tristes, de representar os papeis miseraveis que elle tem feito, é capaz de outras cousas, quanto mais de pregar calotes.

—Mas eu pensei que o homem era serio.

—Serio?! V. é doudo. Serio um homem que vende agua fria a titulo de excellente panacéa!

—E agua fria, quando Deus quer, é remedio.

—Mas não o é para satisfazer a gana de tratantes e especuladores.

Em resumo, que fez elle?

—Sabe que elle é um pobretão, o que não é defeito. Dava-se muito com certa professora e ponde della conseguir o emprestimo de 600\$ rs., sem garante, para sua formatura.

A senhora, ingenua, não sellou a lettra, e passados alguns annos, mandou pedir seu dinheiro em que nunca mais lhe fallará o Aberém.

«Não devo nada, chame-me a juizo» são as respostas do patife que se fia na revalidação que ha de pagar a infeliz senhora.

Veja que infamia de meço!

—Admira-se de pouco; aquillo é tão abjecto, que ja teve lenções de no-
gar o pae, para passar por branco.

—Miseravel!

—*Mané da Virge* que é isto que está tudo com raiva de vossê, por causa da *manqueira velha* lá da Ribeira?

—*Home* eu não tenho *curpa*! E' meu cunhado que só gosta de gallos de navio, quer por força cortar a *manqueira velha* que está plantada a dez annos.

—Max sua *riman a dona*, me dixe esta noite lá junto dos *Barbeiros* que a *Mesquita* queria o empregar lá na Ribeira?

—Quá home, eu só sei cosinhá ciri, e não quero me intrigá com ninguem por causa do José.

—Mas a *dona* pediu a *nhonhô*, um emprego para vossê, e elle prometteu de arranjar isto com o *Marcellino*.

—E arranja! Ja não arranjou o An?

tonio José, sem ser o poeta ou a inquisição.

—Pois eu não quero; porque assim como cahiu a inquisição, cahê também a Mesquita que está toda arruinada, e depois eu posso ser de novo recrutado p'ra marinha, e vou pagar a fava que o asno comeu, junto ao *Diabo Côxo*.

—V. esta bem sciente de todas as ruas, praças, largos, becos e bibocas de Latronopolis?

—Sim, Sr.

—Conhece essa gente da *injustiça*?

—Sim, Sr.

—Sabe onde é o ponto de reunião?

—Sim, Sr.

—Pois ponha-se alli pelas proximidades e não me volte sem trazer um sujeito *que escreve, ajudando*, cujos signaes são os seguintes: Cara descarnada, ossuda, resultado da syphilis que lhe destroe o corpo; cabelleira das almas; altura regular; andar apressado; anda sempre com um lenço de cor na mão e com uns autos debaixo do braço, vilmente subtraidos do cartorio; traja chapéu de catimlore, conhecido por canudo do *Florida*, sobrecasaco cuja cor se não percebe bem pela falta de pello e abundancia de sebo, mas que se suppõe ter tido cor de rabo de macaco; falla constantemente e cospe a quem cae na asneira de lhe ouvir as tolices.

Parece que é o segundo tratante-mor que tem apparecido nos cartorios e por isso lhe deitaram o nome de *Segundo*. Só pelo nome, julgou-se o biltre que era algum descendente de linhagem real, e como um maniaco que ahí ha, encasquetou-se-lhe a ideia de ainda reinar. Alguns companheiros charidosos tiraram-no do engano, e por isso e porque é elle um ente ridiculo, chamaram-no *Segundinho*; cousa que muito o satisfez e fez com que elle explicasse que tal palavra era um diminutivo.

Intitula-se de grammatico e ja quiz reformar a *educação* com um papel que é o seu maior corpo de delicto grammatical.

Agora arvorou-se do novo em re-

dactor e defende e insulta aos mesmos homens, em diversas gazetas que lheram as honras de pregador dos orates.

E' esse o cujo; não volte sem o trazer; não o deixe escapar.

—Qual, capitão! Com esta papeleta que V. Ex. me forneco nem que elle seja o diabo me escapole das unhas.

(*Continúa.*)

VARIÉDADE.

Ha exemplos de senhoras que se suicidaram por lhes faltar a modista com o vestido; exemplos de crianças que deixaram voluntariamente a vida por terem sido reprehendidas; faltava ver um velho, que tinha obrigação de ter juizo, suicidar-se porque o sol o incommodava.

No dia 5 de novembro, um viajante que ia de Quiévrain para Condé, ouviu um tiro de pistola. Correu para um salgueiral, donde via sahir fumo, e encontrou um velho, talvez de 70 annos, que dera um tiro no coração, e, como é de crer, que estava morto.

«Era o Sr. M... L..., capitão reformado e cavalleiro da Legião de Honra, e que vivia em modesta abastança.

Encontrou-se em uma das algibeiras da sobre-casaca do defunto a seguinte carta:

«Meu querido filho.—Peço-te perdão, mas não posso mais; o calor do sol torna-me a vida insupportavel. Adeus; a minha criada te dará contas.»

ANNUNCIOS.

Tendo algumas pessoas desaffectedas da abaixo assignada, com o fim de desconceitual-a, propalado que havia ella soffrido uma execução por divida de aluguel de caza, vem pela imprensa declarar que semelhante execução não se intendeu com ella, e sim com os moradores do 1º andar da caza em que mora a annunciante.—*Francisca Bernardina d'Andrade.*

Roga-se encarecidamente a todas as pessoas, que tem contas desde o principio do anno p. p., na loja de charutos atraz da Sé, o obsequio de virem satisfazer-as, do contrario passarão pelo dissabor de verem seus nomes publicados em um grande catalogo, em frente da mesma loja.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

3 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 4.^a—N.^o 31

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do
Alabama 4 de abril de 1866.

Offi io ao Exm. Sr. presidente, participando-lhe que informam-nos o seguinte:

O alferes do destacamento (mez de março) na Caza de prisão com trabalho, praticou algumas barbaridades com os guardas; á espada os mandava para o xadrez; reduziu as horas de jantar; em alguns recrutas deu sopapos, e outras cousas mais fez a ponto de causar admiração a quem via; consta tambem que no dia 16 do dito mez castigou a 12 guardas com o peso de quatro armas, por algumas horas e expostos ao rigor do sol.

V. Ex. syndieará si são verdadeiras tãss accusações e providenciará como costuma.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que ha cerca de uma semana apparece no Campo da Polvora, das 10 horas da noite em diante, um individuo a accommetter as pretas e pessoas inofensivas que por alli passam e a lhes tomar o que levam: quando encontra resistencia ou alguem brada por soccorro,

cerre e vae refugiar-se nos matto de uma casa que demoliram no referido campo. Espera-se que S. S. tomando em consideração este aviso, dê providencias, para que tal industrioso não continúe, e não pegue o gosto em mais algum: que ache bom o officio e conte com a inercia da policia.

—Ao Illm Sr. Dr. delegado, pedindo-lhe providencias contra uma chusma de capadocios que invade as immedições dos Barris e faz pe de exercito na venda n.^o 36 ao becco do mesmo nome: semelhante caterva vive a fazer desordem e insultar sem reserva. Por alli tem apparecido diversos roubos; duas vendas, uma foi roubada e outra tentaram arrombar; e não tendo semelhante gente meio conhecido de vida, é bem provavel que seja ella a authora de taes graças. Já se levou ao conhecimento do respectivo subdelegado que nenhuma attenção prestou. Por isso, espera-se que S. S. dê providencias que faça cohibir tão pervertida gente.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sê, participando-lhe que andam de novo os grupos de alarmistas á noite a perturbar o socco publico com palavradãs e continuadas desordens e as patrulhas não enchergam nem ouvem: ainda na noite de domingo dous indi-

viduos armados desafiavam-se na la-deira dos Gatos e despejavam um no outro um calendario de injurias e os mais terriveis baldões: a visinhança acordou sobresaltada com aquella torrente de descomposturas e nem um soldado appareceu para accommodar aquelles dous *brigadores*; felizmente a intervenção de alguém conseguiu apartal-os. Ante-hontem, um destes grupos depois de pintar o diabo a quatro, foi á uma botica nas Portas do Carmo, e bateu nas portas com estrondo, e por que o dono se recusasse a abri-la, foi victima de insultuosos epithetos, e grosseiros improperios.

Ha sujeitos que saem á noite de diversas freguezias para vir dar *beneficio* em casa das meretrizes e fazer barulho na freguezia da Sé, que é o desagua loro de tudo quanto é capadocio.

Da reconhecida actividade de S. S. espera-se correctivo para taes abusos.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para a casa n.º 4 á rua da Misericordia, habitada por mulheres dissolutas, onde é gravemente desrespeitada a moral publica com as escandalosas orgias que ha alli constantemente: palavras indecorosas, gritos, algazarras, homens em fraldas de camisa na janella, vêm-se á noite naquello conventiculo: rara é a noite em que naquelle lupanar não acaba a bebedeira e a erapula com pancadas e gritos d'aqui d'el-rei. Para que não pareça exagerado o que aqui se expõe, pede-se a S. S. que ouça as familias da visinhança. Em nome pois do pudor e da decencia publica, espera-se que S. S. empregue o rigor da lei e faça emendar de vida tão perdidas mulheres.

—Ao Sr. engenheiro Aguiar para que tome em consideração e examine a estrada Dous de Julho, na qual pareço que se está gastando dinheiro, sem que ella precise actualmente de concertos.

Espera-se que S. S. se dê a esse pequeno trabalho que lhe solicita esta provincia, onerada de muitas e grandes despezas.

—Viú que *beneficio*?

—Qual?

—Aquelle sujeito na ordem 3.ª do Carmo, aos lombos com um moço que elle dizia que lhe estava a namorar as filhas?

—Ah! sim! Muito admirei-me de ver um homem velho dar aquelle espectaculo na sexta-feira da Paixão, dia do recolhimento para qualquer que sabo dar apreço aos actos da Religião, quanto mais para quem tem ou pode ter netos.

—E que barulho! que confusão! que escandalo!

—E dizem que é alli empregado.

—E perturbou impunemente os actos religiosos, sem que a administração o reprehendesse!

—E' para ver; houve muito quem o defendesse, porque dizem que os namorados são parentes e ha certas prevenções.

—An! diga-me *missol*

—Eu não sei que diabo é isso! O presidente da provincia diz, no seu relatorio, que a meza da Misericordia tracta de dar um destino conveniente ás poucas recolhidas que restam. Por melhor que seja o tal destino, não será tão bom como o casamento. Entretanto vê-se, ao menos parece, que a tal meza nenhuma vontade tem de que as recolhidas se cazem; para *fazer-se tijollos*, é preciso que se esteja em distancia do ser comprehendido; pois a meza mandou as recolhidas para o mirante, donde, só a telescopio, podem ellas descobrir algum *passarinho verde* que tenha boa vista.

Não contente com isto, o Sr. provedor fechou a porta e entregou a chave á regente, prohibindo que viessem ellas ao corpo da igreja.

Na 5.ª feira Santa, porém, tinham ellas de commungar, e ninguem atinava em desatar o nó gordio: como se levaria o Santissimo Sacramento ás tribunaes, era o que perguntavam entre si os governadores.

O mordomo competente foi á regente, tomou a chave, abriu a porta e foram as recolhidas para a igreja.

Pouco depois chegou o Sr. provedor que, encontrando na igreja as recolhidas, enfureceu-se terrivelmente, e fallou muito; mas nada podendo dizer ao mordomo despediu a regente que culpa nenhuma tivera!

—Eu aqui já me não admiro de sua admiração sobre os casamentos, admire-me da apregoada charidade do provedor das *charidades*.

—Ora graças a Deus! A encantada obra do Rio Vermelho, da qual era administrador o Sr. José Carlos, teve adiamento! Sem duvida mais de setenta contecos foram allí absorvidos. Si não é agora o Exm. Sr. Dr. Leão Velloso que põe fim á mamadeira continuava o escandalo.

—E agora em que fica?

—Vae ser posta em arrematação.

—Sempre melhorou se, não ha duvida; obrigado a quem teve tal lembrança.

A PEDIDO

Sr. Redactor—Na quinta-feira Santa dirigiam-se dous moços caixeiros á povoação do Rio Vermelho para comprarem peixe, e já de volta foi um delles *accommettido* por um cão pertencente a um dos filhos de um Sr. Mattos, professor de francez, que tem uma vendola no caminho do Rio Vermelho; *accommettido* o moço pelo tal cão, deu uma pancada neste com um sipô que trazia, e foi esta offensa tão grande que fez com que o filho do dito Sr. Mattos se lançasse sobre os moços e esmurrasse a ambos, ficando depois tudo em paz.

E' o que dizem.

Chegando essa occorrença á casa, o Sr. Mattos cheio de cholera e vingança arma quatro escravos com paus, foices e o diabo a quatro, e em procura dos moços, consegue alcançal-os, e qual outro capitão de matto, manda descarregar sobre os infelizes toda aquella ferramenta, resultando desso acto de cannibalismo ficar um dos moços com um olho quasi furado e muito espancado e o outro espichado no chão sem sentidos.

E' tambem o que dizem.

Fez-se corpo de delicto, e o ultimo dos moços jaz no leito de dores contando os dias de existencia.

Não é porém de admirar isso, porquanto a culpa só é da policia do Sr. Carlos Ferreira que dorme na indolencia.

Um admirado.

—O que é isto?!

—Ouça-me. Estando hontem na secretaria das *Averiguações* para tractar de certo negocio (eram 11 horas do dia) vi um empregado interino invadir a repartição com o chapéu á cabeça, ar de diplomata, charuto na mão, aza direita um pouco pensa, era mesmo um t. . . . personificado e apesar de encontrar allí alguns outros empregados e diversas partes, o nosso *cousa* não fez caso, nem cumprimentou a alguém: depositou o seu amavel charuto em um canto, e voltou todo *teso* a occupar o seu logar de *cathegoria* na salla de *cathegoria*.

—Muito bem, e como se chama essa *cousa*?

—Não sei ao certo, mas já tenho ouvido chamar-se-lhe *Dr. Cathegoria*, *Napoleão de gesso*, *João duro*; *Iaia aqui estou eu*, e na Barra, ondo vae todas as tardes passeiar o cavallo, o conhecem por *Vira beco*. Eu porem julgo que o *bimbas* tem direito antes a ser chamado MALCREADÃO.

—E' justo, o seu a seu dono.

—Contaram-me isto:

Alguem mandou comprar um queijo pelo filho; o filho foi ao armazem do Sr. Manuel Joaquim de Carvalho e Oliveira, e comprou um queijo; pediu um canivete para experimentar e não havia.

Em caza, ao partir-se o queijo; estava cheio de bichos; a pessoa que mandara comprar o queijo foi ter com o homem, mostrou-lhe o queijo podre, fez-lhe que si estivesse ardido com elle ficaria; mas que estando podre era obrigação do vendedor recebê-lo porque é regra que receba os generos damnificados quem os vende a retalho e compra em porção; que por tanto elle

Comprador estava no direito de exigir a troca do genero ou a restituição do seu dinheiro.

— Pois como está no seu direito use delle; chame-me a juizo; foram as palavras que em resposta deu o Sr. do armazem.

Que acha agora do proceder do cujo?

— Não sei quem tem razão; é certo porém que de vagar se vai ao longe e quem liso joga liso fica.

Casal padre Alexandre.

VI.

A *boa-fé* do Sr. Francisco d'Amorim F. l.ção sobe de ponto! Apresenta uma interminavel chicana, appellações, aggravos, embargos, vistas &! Oh! decantadas vistas! sois a estrella polar do Sr. Amorim! Por qualquer *da ca aquella palha*, por um espirro, o Sr. Amorim pede vista para pôr embargos e fazer tudo mais que uma mente escandecida costuma forjar.

E não concorre com dinheiro para as despezas que em taes casos são indispensaveis para o sello e andamento da causa!

Não lhe convém que tenha solução a questão; atropella e deixa ficar e quem quer o andamento della concorre com as suas e as despezas delle.

Como ja scientificamos ao publico, o Sr. Amorim embargara nossa intimação que tem por fim chama-lo a dar esclarecimentos e a prestar contas para reforma da partilha. Impugnamos os seus machiavelicos embargos. A impugnação foi elaborada pelo provecio e illustrado advogado (pedimos venia á sua modestia para declarar o seu nome) o Sr. Dr. Francisco Antonio d'Araujo, caracter integro, um dos ornamentos da advocacia brasileira, intrepido pela sua pericia e honradez em destruir pelas bases todos esses castellos creados pela malversação e pela pilhagem.

Conscios como estamos de sua illustração, cortará com a espada da intelligencia todas as cabeças que possam surgir da nova hydra de Lerne; temos ufania de tel-o como patrono da nossa causa.

O illustre advogado, além de muitas outras razões ponderosas, impugnou os embargos com documentos do proprio Sr. Amorim.

Nos autos a f. 237 existe uma petição do Sr. Amorim feita em 1859 (oito annos) pedindo reforma da partilha; nos mesmos autos a f. 246 existe uma cota de um outro interessado pedindo reforma da partilha— como é pois que embarga o Sr. Amorim a

nossa intimação, sendo no mesmo sentido, pedindo reforma da partilha?

Ja se vê que a boa fé não preside a seus actos; em 1859 pedia reforma, não havendo successão de herdeiros, nem quantia tão crescida de rendimentos, dez a doze contos de reis; em 1866, quando os herdeiros são outros, não lhe convém a reforma!

A partilha existente é leonina, feita pelo João de Menezes de eternas recordações, partilha que dá ao Sr. Amorim 400.000 somente de herança; não foi julgada por sentença, está cívada de erros juridicos, mas a boa fé do Sr. Amorim quer a partilha fique no *statu quo*.

Percebemos porem o motivo. a força da chicana do Sr. Amorim: ja lhe bate á porta o momento de vir aos tribunaes prestar contas dos dez ou doze contos de reis que dizem ter mettido no seu bojudo ventre; deve portanto procurar e empregar todos os meios a fim de que o revoltante escandalo não caia tão cedo debaixo das vistas severas da punição.

Como é praxe, o Sr. Dr. juiz procnrador, deu vista ao Sr. Amorim para sustentação dos embargos; estamos á espera desse montão de palavras.

E aqui ficamos.

Participaremos porem ao publico que os autos quando vão com vista, é por um termo, por 5 dias; mas não voltam ao cartorio, sinão depois de lançado em audiencia, ameaçado com as penas da lei; prova isso ainda a boa fé do homem com quem pleiteamos.

Os habilitados.

ANNUNCIOS.

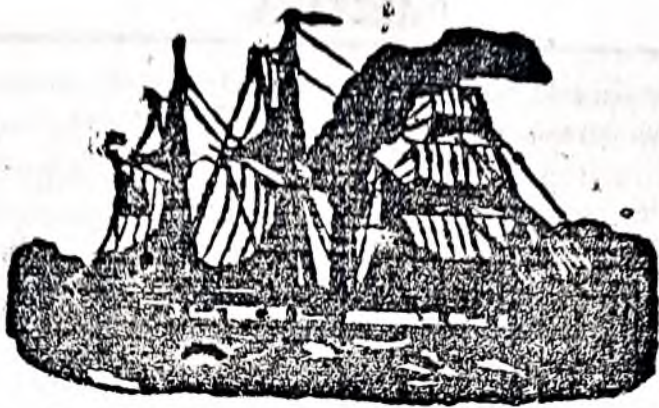
PARA AS PESSOAS DE GOSTO

Acha-se nos prelos uma nova modinha intitulado— **O meu penar**, breve indicar-se-ha o logar onde será exposta á venda.

Roga-se encarecidamente a todas as pessoas, que tem contas desde o principio do anno p. p., na loja de charutos atraz da Sé, o obsequio de virem satisfazel-as, do contrario passarão pelo dissabor de verem seus nomes publicados em um grande catalogo, em frente da mesma loja.

Vende-se no deposito de cal ao Caes Dourado barricas com cal fina por preço muito em conta.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPUANA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

7 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 4.^a—N.º 52

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 6 de abril de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, em virtude de dous officios publicados pedindo a repressão dos escandalos que commette uma corja de vadios aos Barris, foi insultado e ameaçado um chefe de familia na dita rua residente, por lhe attribuirem a noticia das badernadas delles.

Espera-se pois que S. S. faça dispersar aquella sucia e dar-lhe o destino conveniente, até para evitar um crime que com facilidade praticam e que é bem provavel vonha pôr fim áquella bandalheira, si a authoridade não entender que é melhor prevenir que punir.

—Ao Sr. fiscal do gaz, participando-lhe que ha mais de quinze dias não se accende um dos lampões da rua do Bangala, por estar quebrado o tubo conductor. Além disso a vizinhança acha-se bastante incommodada com o mau cheiro da exhalção.

Espera-se pois que S. S. faça com que a companhia urgentemente mande reparar o dito combustor com cujo mau estado tambem ella soffre pela continua evaporação do gaz.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que so dirija ao subdelegado da Rua do Paço e peça-lhe licença para fazer o que não faz a policia; isto é, espalhar uma cambada enorme de moleques que na Baixa dos Sapateiros, à noite, desrespeitam a todo mundo e maltractam especialmente as pretas, por cujas vestes pucham, produzindo grande alarido e algumas vezes conflictos. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Bomfim e conduza para bordo um Sr. Leandro que costuma andar alli em ar de phosphoro, de chambre, sem camisa e em ceroula, como quem está na roça comendo cajús, visto que esse homem parece incorregivel ás admoestações que se lhe tem feito. Cumpra.

—Ora abi está! Fallou-se da camara por ficar ás escuras, quando a relação e o palacio do governo si illuminavam; agora eis o contrario: é a camara que brilha, em quanto os desembargadores e o presidente permanecem em profundas trevas.

—Trocaram as bolas, como diz meu irmão Fouseca.

Mas que motivo tem a illuminação?

—Creio que o nascimento do príncipe.

—A camara a ninguem avisou; dir-

se-hia que fel-o do proposito para caberem-lhe as honras de mais avologista e amante da familia imperial.
—Cousas da epocha.

—Continuam as assuadas e os conflictos na freguezia da Sé.

—E a policia?

—Que pergunta!

Os engraçados foram á caza de Mr. Osborne á rua Direita de Palacio e furtaram-lhe os quadros photographicos que tinha na porta.

—Rapazeadas!

—Rapazeadas que deviam ser punidas com muito boas 2½ horas de correção na cadeia.

Um turbulento entra, no dia 4 do corrente, em caza de uma tal *Conhecida*, á ladeira dos Gatos, e dá-lhe muita chicotada.

A mulher grita, pede soccorro, injuria, insulta; e o criminoso sae da caza da offendida, pacifico e moderado, sem que alguém lhe vá á mão.

Ora isto tem termos?

—A mim é que pergunta?

Respondo sempre:

Não tem termos não, Sr.; a policia devia estar acordada para saber de tudo o que passa na cidade.

—E o homem que levou a encapellação e deu a porretada, ainda está preso?

—Ainda; está sendo processado.

—E' uma injustiça, tanto maior quanto é certo que no dia seguinte o offendido fôra ouvir sermão. Demais sabe-se quem são os taes encapelladores; vivem acostumados a desrespeitar e a incommodar todo o mundo; por força havia dar-se um caso mais serio; a policia não previne, vê-se obrigada a punir, mas injustissimamente; cae o rigor da lei n'um pobre homem.

Os taes senhores declararam guerra aos chapeus de pello; havia fazer-se-lhes a vontade? Ou a policia ignorava? Não podia ser, porque a imprensa o denunciara, quando fora insultado um probo character, medico de reconhecida capacidade, respeitavel por seus annos, por

seus serviços á causa da Independencia e da humanidade em geral.

Que esperava pois?

Sujeitar agora um pobre que sae de sua caza e por acaso vê a procissão; que tem por destino comprar sua garrupa para seu jejum de sexta feira Sant; que, levado á policia isso logo confessa e mostra o sacco em que tinha de enbrulhar suas economicas consoadas; que deixa em caza duas filhas sós que por elle em balde esperam, e sabem depois a noticia de sua prisão; sujeitar esse homem, digo, a um processo que o conservará mezes na cadeia, donde sahirá absolvido porque nenhum crime commetteu, é uma falta de equidade, quando ha por abi tanto criminoso de cabeça erguida, devendo annos e annos á cadeia.

E ja que disse que o homem nenhum crime commetteu, é bom explicar: foi apenas uma paulada por uma encapellação; o que houve de mais é que, sendo toda a familia Martins Alves nervosa, o moço com o choque tremeu das pernas e foi ter outro choque com o adro da igreja, do que lhe resultou a perda da falla, opinião que dizem manifestara o Sr. pharmaceutico Barata.

Mas soffre o homem por que é pobre!

Si tivesseo dinheiro, ja não haveria processo, desde que o corpo de delicto fosse uma mentira; para proval-o bastava no dia seguinte um exame de sanidade.

E porque o homem não requereu tal exame, muito embora se saiba que o incommodo causado não passou de duas ou tres horas, ha de ficar na prisão.

Porque neste paiz onde se manda dar um defensor ao reu pobre, onde a lei quer todas as facilidades para a defesa dos accusados, so na ultima hora apparece um homem que devora os autos e arranja a cousa da melhor maneira!

Por que nesta terra a policia consente meia duzia de gaiatos a perturbarem o socego publico e chama delinquente um homem que insultado

respondeu a um couco par uma sipoa-da!

Leiam e pasmem!

O acto de feroz vandalismo que se vae expor ao publico não é praticado nas bre-nhas dos nossos sertões por algum saltea-dor de estrada; não! O facto inaudito que acaba de dar-se, succedeu na capital da Ba-hia, na freguezia da Rua do Paço: é nada menos que a authoridade com o poder de sua força fazendo mudar-se no prazo de um mez uma mulher que mora ha 15 annos em uma casa, os moradores de cuja rua nen-huma offensa tem della soffrido!

Em certo dia do mez passado, houve em casa dessa mulher, ao Taboão, um conflic-to, a que foi inteiramente extranha a dona da casa; o Sr. subdelegado Valença, aprez-de ter disso consciencia, prendeu a mulher por 24 horas e intimou-lhe que se mudasse da freguezia em um mez.

Achar uma casa em 30 dias com accom-modações necessarias, sabem todos que é cousa difficil; demais a mulher não estava corrida, como não está, pelo proprietario, e disseram-lhe que não tivesse pressa, por que nenhuma lei havia em que se fundasse o Sr. Valença para fazer sabir um inquilino da casa de que não é proprietario; o seu poder de subdelegado não vae a tanto.

Passam-se os 30 dias; ninguem suppunha que o Sr. Valença ousasse..... ora, o Sr. Valença é capaz de mais! Mandou chamar á sua presença a mulher, que compareceu, acompanhada de um habil advogado, a quem nenhuma consideração intendeu que devia prestar o Sr. Valença; pegou d'uma portaria que ja havia prompto, entregou-a ao ordenança e mandou conduzir a infeliz mulher á Correção!

A portaria diz que o crime da mulher é desobediencia (certidão passada, por despacho do Sr. Dr. delegado, pelo Sr. carcercio da Correção).

Entretanto a Sra. Maria Francisca Bor-ges de Mello (a victima) requeir ao Sr. subdelegado que lhe declare qual o delicto commettido, qual a desobediencia em que incorreu; o despacho é o seguinte:

«A supplicante deve ter consciencia da desobediencia que commetteu, pelo que foi presa correccionalmente, etc.»

A presa replica, dizendo que não tem consciencia de ter praticado o menor delicto, nem desobediencia; mas como o subdelegado falla em prisão correccional, pede-lhe que declare qual o facto que motivou a desobediencia, a fim de não incorrer de novo na mesma falta. O sultão da Rua do Paço despacha: «Tenho despachado!»

Dirão que a desobediencia vem de não

mudar-se Maria Borges; mas ninguem pode fazer outro mudar de domicilio, nem ainda a authoridade quando não estribada na lei. Em que lei fundou-se o Sr. Valença? a-ponte-a.....

Ao contrario, em vez de um crime, Ma-ria Borges, não cedendo á imposição tyran-nica do Sr. Valença, usou de um direito, garantido pelo codigo, que manda os ci-dadaos desobedecerem ás ordens illegaes, aos arbitrios, aos caprichos das autorida-des que se julgam n'um paiz livre, com di-reitos de sophi da Persia, ou de tutu do sertão. (Art. 180)

O criminoso pois é o Sr. Valença, e cri-minoso por desobediencia; desobedeceu á lei; elle mesmo o confessa, querendo em seus despachos encapotar seu acto que sem duvida ja elle viu que não foi bem pensa-do; n'um paiz de livre exame, de publici-dade, fornecem-se aos que soffrem todos os meios de defeza.

Para esse proceder abusivo, arbitrario, tyrannico, inaudito, sem nome, sem qua-lificação possivel chama-se a attenção das authoridades competentes. E' preciso que haja um exemplo, que a ultima authorida-de na escala social se não julgue com os illimitados poderes de um dictador.

— Conhece o inspector dos cães?

— Não; quem é?

— E' um mono que tem a cara frun-chada, as feições de bolo mal-amassa-do, cor de rato velho quando foge da commua, olhos de espanta-boiada, e cabellos de porca parida.

— Realmente não conheço.

— Um sujeita que mora agora por baixo de uns *artifices*, que trabalham em *sociedade*.

— Será na rua do *Pé de Cruzes*?

— Justamente.

— Ah! . . . Ja sei. Este ó o *Julio Fei-joada*, homem.

— Elle mesmo.

— E o que tem elle?

— Este diabo não deixa ninguem dormir á noite; falla por cincoenta re-gateiras. Que diga a gente de cima:

E agora deu em andar dizendo quo ia ser nomeado inspector dos cães.

— O que é inspector dos cães?

— Diz elle que é fiscalisar, mandar agarrar os cães que encontrar na rua soltos o sem dono e outras cousas.

— Quo bobo! Quem lhe alugou a casa é que deve tomar sentido com ello,

por que ainda não morou em casa em
quo não pregasse o caloto.

Arpejos de uma lyra sem corda.

A NAMORADEIRA DA RUA DO B.

Por uma namoradaira
D. Julinho se perdeu:
Por outra namoradaira
D. Julinho a esqueceu.
D. Julinho o renitente
P'ra dar desfructe nasceu.

Os moleques ja o chamam
— Palhaço das Pitangueiras —
Dão lhe assovios e vaías,
Fazem-lhe mil molequeiras:
E coitado! elle tolera
Todas essas bandalheiras!

E que remedio? — Quem ama
A tudo deve s'expôr;
Quanto mais soffre o amante
Maior se torna o amor.
— E' pena que D. Julinho
Não desse p'ra trovador! . . .

Mormente agora que vivo
Em certa caza mettido
(*Bem que de viva quem vence*)
Ao pé do seu bem querido;
E faz bem, que da menina
Não ha quem tome sentido!

E assim vae D. Julinho
Vida alegre e regalada
Passando á vista de todos,
Na rua da *Bangalada*,
Té que alguém se delibere
A dar-lh'outra chavascada.

Pergunta innocente.

A lei tem estabelecido que, por im-
pedimento de qualquer escrivão sirva o
seu companheiro e quando este não
puder accumular em consequencia de
muitos afazeres, o governo da provincia
dê nomeação por um anno emquanto
o serventuário não se apresentar para
servir a qualquer individuo (proposto
pelo juiz) pagando este do direito do
titulo 10 %, sobre a lotação do officio.

Pergunta-se, pois, ao Exm. Sr. pre-
sidente do tribunal do commercio si,
não estando impedido por molestia o

Sr. Luiz Joaquim de Magalhães Castro,
mais sim occulto em consequencia de
um mandado de prisão que tem contra
si e por conseguinte abandonando o
officio, pode estar o filho d'elle servindo
por tempo illimitado nesse lugar com
uma simples portaria ou nomeação, e
sem ser pela authoridade competente;
sem pagar direito, quando a Bahia vê
constantemente na janella o dito es-
crivão conversando com seus visinhos.
Um que não quer ser prejudicado.

Pede-se a certa senhora, moradora
na rua do Fogo, que vive a con-
versar *pateticos* para a rna até tres
horas da madrugada, o favor de deixar-
se disto, pois a visinhança anda incom-
modada.

A Sra. paga caza, si quer conversar,
mande entrar a *quem chega*.

Previne-se-lhe que si não emendar-
se, publicar-se-ha seu estado, seu nomo
e os dos visitantes.

O visinho.

ANNUNCIOS.

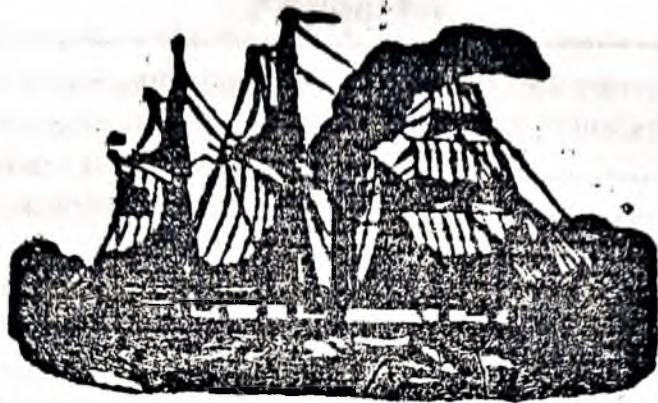
PARA AS PESSOAS DE GOSTO

Está exposta a venda na loja de li-
vros ao largo da Praça do Sr. Martin,
a nova modinha intitulada — **O meu
penar**, por José Bruno Correia.
Preço 1\$ rs.

Pede-se a pessoa que tomou um cai-
xão de doce em confiança, dizendo que
era para mostrar a sua irman, á ver si
agradava, e com elle se ficou até hoje,
que ou o venha trazer, ou o seu valor,
si não quer que o publico o fique co-
nhecendo.

Como talvez se tenha esquecido do
logar declara-se-lhe que é na rua do
Tijollo n.º 16.

Pede-se a certo empregado do *trem
do mar* que não se esqueça dos mil e
tresentos que deve na venda á rua do
Tijollo, para não obrigar á que se o
chame ao pagamento pelo nome.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

10 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 4.^a—N.º 35

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordi^a n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de abril de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que na sexta feira da Paixão, as 3 horas da madrugada, roubaram da caza n.º 41, aos Barris, a quantia de cento e tantos mil reis.; ao retirarem-se os ladrões foram descobertos, e perseguidos, deram um tiro de polvora seca, com que puzeram-se a salvo.

A caza do Rvm. Sr. vigario de S. Pedro foi visitada; mas, presentidos, correram.

Quizeram arrombar a venda n. 29 à ladeira da Piedade; mas sendo vistos do terraço fugiram.

E' de suppor que os taes gatunos sejam os membros da sucia que incomoda os moradores dos Barris, e espera-se de S. S. energia e actividade para acabar com essa ninhada do olho vivo que parece inextinguivel.

—Ja faz raiva fallar!

O delerxo é tanto que o publico ja considera a sujidade o estado normal da limpeza; ha até quem diga que o *Alabama* ja tracta de semelhante nojo-

sa empreza para encher vacuos. Não ha tal; é que se não pode ver assim tão desfaçadamente devorar-se os dinheiros publicos, sem um brado de indignação, sem um protesto por parte dos soffredores.

E admira como a thesouraria paga sem escrupulo perto de sete contos de reis mensaes a quem faz timbre de querer comer sem trabalhar!

—A thesouraria, si paga, é por que sem duvida a empreza leva attestados de ter bem cumprido os seus deveres. E ainda não havendo tal formalidade, pertence à empreza esse dinheiro, por que ella está trabalhando e o contracto está em vigor.

—Para ella receber dinheiro.

Deixemos porém isso e façamos publico o factio de que ia eu tractar.

Ja se não fallou n'um esterquilinio creado à Estrada Nova, na roça do Sr. Pedroso?

—Ja.

—Pois dalli por diante tudo é monturo até a roça do Sr. conego Pereira, até a estrada que vae ter à Quinta.

A passagem estava ja interdicta, sinão de todo por falta de caminho, ao menos por sobra das moscas e do mau cheiro; agora está inteiramente impedida: com a chuva, as baixas receberam bastante quantidade d'agua e aquillo tornou-se um medonho treme-

dal, em que bóiam simultaneamente cães, gatos e gallinhas mortas, pedaços de esteiras, molambos e outras especies de immundicia.

Agora digam os intendidos, os medicos, os professionaes quaes serão os effeitos que podem produzir aquellas preciosidades alli accumuladas e banhadas, quando o sol se dignar esquentar-nos mais, ou mesmo assim.

—Ora os effeitos!

Os effeitos serão o Sr. Costa Guimarães engordar e continuar a receber dinheiro, em quanto levarem picadas de moscas os que pela estrada passarem para conduzir os mortos.

—*Quod Deus avertat.*

—Pobre terra!

Realmente é preciso ter animo!

—Um caso que serve.

—Vamos a ouvir-o.

—A' semana passada um feitor da armação do Saraiva, pertencente ao Sr. Barão do Rio Vermelho, passou pela Pituba e ao encontro sahio-lhe de uma casa um caxorrinho desses renitentes, a latir-lhe. O homem apeou-se e quiz com uma faca matar o caxorro; um menino, dono deste, oppoz-se; o homem quiz sangrar o menino; mas o pae deste que dormia, acordou espantado e bem que deslocasse um braço indo de encontro a uma porta, avançou com tudo para o faquista. O resultado porém foi elle levar um talho na testa e outro no braço e ficar cahido, apesar de ter então o seu pequeno filho se munido de um pau e quebrado a cabeça ao damnado do feitor.

—E que fez a policia?

—Abi está o *busillis*; nem corpo de delicto houve.

O homem la jaz atormentado de cruéis padecimentos, e a policia que tem tantos rigores para uns, cruzou os braços diante dessa barbaridade feitorica!

—E' o estado normal d'um paiz anormal.

—O Sr. commendador Paulo Pereira Monteiro que tantos beneficios tem feito

ao seu futuro solar de barão, o Queimado, fez o seguinte: demoliu uma ponte que havia na baixa entre as duas ladeiras e construiu um agulheiro; agulheiro foi elle que engasgou-se com as agulhas e não deixa a agua passar, pelo que fica tudo alagado e a gente tambem não passa.

Agora a gente da Cruz do Cosme pede ao futuro Sr. barão um favor: o de mandar indietar seu agulheiro ou pôr uma canôa franca para passagem; e si fosse um vapor melhor seria, até porque mais conforme se acharia com as ideias de S. S. que é todo homem de progressos, como prova a agua do seu dique, a estrebaria de seu cavallo e as machambombas.

—Não tem duvida, o concerto está feito, as providencias estão dadas. V. sabe que o Paulo, ainda quando não fosse zeloso pelo seu solar, havia de attender a tão justo pedido, só com a lembrança de que por alli é que podem passeiar os habitantes da Cruz do Cosme que tem necessidade de vir á cidade, e que fogem da fama que na estrada da Quinta é *matto*.

—Ora vejamos.

—Que *cujo* é aquelle que se dirige ás patrulhas que encontra? Será algum espião? algum paraguayo mesmo?

Traja paletot e bonet militar; ora vejamos.

—E' um tenente de policia; é o rondante Srs.! Nem por ser hoje 7 de abril, dia de gaba, o tal phosphorico official deixou de apresentar-se á *Bacellar*!

—Cousas da terra!

—Eu o arrenego, padre dos diabos!
CRUZ!

Pois, homem dos diabos, V. leva aquellas trouxadas em caza da mulher e vinga-se na mulher?

Si V. achou que aquellas merecidas bastonadas não eram appropriadas ás costas de um padre, não era mais logico vingar-se de quem lhe deu a esfregação?

Eim, covarde, porque se não mediu com quem ja lhe tinha medido o lombo?

Abusa da simplicidade da mulher o espanca-a! leva-a para sua caza o maltracta-a!

E' um palife este formigão sonso, especie de boi mongo que comeu coirana e que com a cabeça baixa tem illudido a toda esta cidade.

Ja não é possível atural-o.

O muxingueiro não lhe porá as mãos por certo respeito, e porque está visto que si este demonio respeitasse pancada, ha muito teria continuado no seu antigo officio de fazer de conta. Irá pois para o porão e terá aos pés um par de pesados machos e ao pescoço uma cruz, signal de negro fugido, por que elle, má ovelha, fugiu do rebanho que ás escondidas quer deitar a perder.

LA VAE VERSO.

Recitativo

A FEIJOADA.

Pedes-mes um canto, d'inspirado amor,
Que falle em flor, em estrella, em lua;
Em doce aragem, em botão de rosa,
Em fada airosa, que nos céus fluctua?

Não sou cantor; só rimar eu sei;
Como, dizei, modular um canto?
Mas ja que pedes, que remedio tenho?
Ouve o desenho do que amo tanto:

Amo uma mesa de manjar gostoso
E appetitoso, com que encha a pança:
Gosto de doces quando são bem feitos,
E por confeitos sou uora criança.

Amo o carneiro, quando vem assado
E apimentado com limão e sal,
Amo a cavalla, o pampo, a tainha,
Amo a gallinha que não causa mal.

Mais q' um olhar, q' um sorrir mimoso
Amo o gostoso bello caruru,
Mais q' um suspiro, mais q' um gemido
O arroz cozido, com gordo perú.

Bem feita torta, de bom caranguejo,
Prefiro a um beijo, de qualquer mocinha,
Despreso as fallas que respiram amores
Pelos olôres da pior cósinha.

No bom presunto vejo amor escripto,
E não resisto a seu olhar cheiroso,
Lanço-me a elle com furor ardente,
Sinto meu dente o trincar—damnoso.

Nas lindas fructas, de variegadas cores,
Vejo das flores a risonha imagem,
Tirando a rolha e entornando o vinho,
De tão bom visinho sorvo a doce aragem.

De linda estrella ao virar do copo
No fundo topo com a imagem sua;
Vejo em um prato que é so brancura
A formosura e o brilhar da lua.

Findo o banquete, ja de pança cheia,
Min' alma anceia, tonta, embriagada,
Si lanço, grito a chorar, bravejo,
Si durmo vejo minha airosa fada.

Isto é que é vida!... Realidade pura...
Isto é ventura... tudo mais é peta.
Oh bella virgem, si te agrada o assumpto
Manda um presunto, que o cantor acceta.

A PEDIDO

Previne-se ao Sr. Joaquim tacheiro ou thesoureiro, que deixe-se de perseguir os moços da vizinhança de seus estabelecimentos e os que por ahi passam com seus olhares importunos e libidinosos.

Deve lembrar-se de que é pac de oito ou nove filhos e lhe pode cahir o rato em caza.

A companhia de escamoteadores

Sr. Redactor — A companhia do olho-vivo não cansa; em seu seio ha gente de todas as graduações.

Na noite de 6 do corrente entrou um moço em uma casa à rua da Misericordia e quando teve de se retirar appareceu um grupo de escamoteadores, e em um apertado abraço um grande magico que vinha entre elles safou um relógio de ouro que o moço trazia ná algibeira; soube-se logo que aquillo era obra do tal magico, avezado ja a taes graças. Não se analysa por ora o facto, declarando-se-lhe o nome, para ver si o cujo toma vergonha e vae restituir o relógio a seu dono.

Esse cavalheiro de industria ja é muito conhecido pelos seus altos feitos. Por tanto si não entregar o que não é seu verá seu nome, estado, profissão, e as muitas ratônicas que tem feito, em publico.

(Continuação.)

Capitão, eis-aqui o tratante de cuja captura V. Ex. me encarregou; peguei-atrapalhado com o rato que lle

escorria das ventas e que com o lenço aparava, com uma penna que punha o tirava successivamente da orelha, e com umas tiras de papel que me disse-ram ser ingredientes de typographia.

—Vem cá, infamia personificada! Não sabes quem sou eu?

—Tenho a honra de conhecer a V. Ex.

—Não sabes que te sei da chronica?

—Sim, Sr.

—Promettes emendar-te?

—Prometto.

—Promettes?!

—Prometto sim, Sr.

—Pois ouve. Si me constar que tu, te aproveitando da boa fé de teu amo, continuas a subtrahir os autos do cartorio para com elles especulares, aperta-te!

—Sr., nunca tal fiz nem farei.

—Safado, quantas vezes procura-se alguns autos antigos no cartorio e deixa-se de encontral os? Quem é que os esconde? Não é quem os faz apparecerem? E quem os faz apparecerem não és tu? Não te pões tu a offerecer para, mediante alguma quantia, os procurar com descanso?

Não é por essa tua busca particular que os autos que hontem deixaram de ser encontrados em todo o cartorio acham-se hoje em cima da meza?

—Capitão, é falso.

—Falso! E como os outros escrivães não consentem que tu lhes chagues á porta?!

—O pobre do homem que te atura ja te não te mettu os pés, por que sabe que está perdido, porque tu o comprometteste com o grande numero de autos que do cartorio furtaste.

Toma pois sentido!

Si continuas nas tuas especulações forenses e si te mettes tambem em camisa de onze varas fallando daquelles, cujas botas escovaste, tomas taca sem piedade!

Quem te avisa teu amigo é.

Vae, cousa ruim!

—Será certo que o subdelegado em exercicio na freguezia do Sant'Auna

tem demittido a mais de vinte inspec-tores?

—Tenho ouvido dizer.

—Não tem duvida!

O progresso dantino caminha em tão larga escala que breve não ficará pedra sobre pedra.

—O pae do Dr. Aberem está damna-do com o Alabama.

—Não tem rasão; zangado deve elle estar com o filho que quer ser branco.

—E como o filho não ha de querer ser, si o pae diz que o é?!

—Ah! ah! ah! agora comprehendo a zanga do homem!

De tal pae tal filho so esperava. O bolas, depois que mettu casaca, e deixou de envernisar os trastes dos outros, ja não falla com artistas.

—E' pena; deve porem ter um espelho e deixar de ser bobo, ficando a saber que a probidade e não a cor é que dá o merecimento.

—Sabem? Novidade e grande.

—Que ha então?

—Bebé sae todas as noutes com quatro peito-largos, quatro carrancudos e amestrados faquistas que o acompanham incessantemente para qual-quer lugar a que elle se dirija.

—E' que o rapaz, si não está com medo de alguma nova onça, tem receio de que lhe cusпам nas ventas como ja lhe fizeram em claro dia.

—E' um bobo! E mais bobo quem lhe mandou os taes capangas.

—Mas pode fazer alguma asneira e é preciso prevenir.

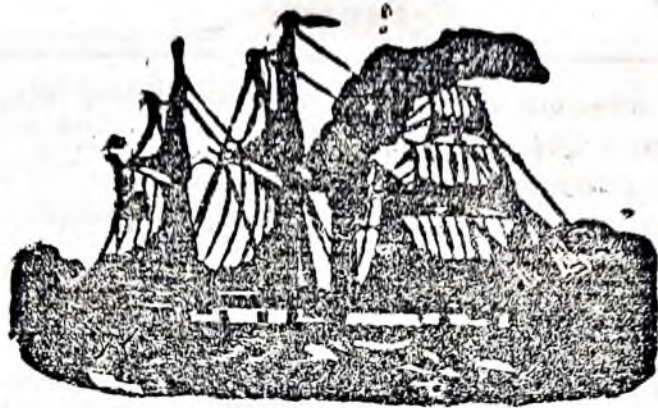
—Prevenir o que? E' a cousa mais simples do mundo: o Capona a querer figurar de Mata-cobra.

—Adequado papel para Bebé So-brinho!

ANNUNCIOS.

O' lá da companhia dos Xorões; si continuam a frequentar a casa n.º 4, na rua Misericordiosa vão todos pelos bedelhos, remettidos ao muxingueiro do Alabama.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

12 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 4.^a—N.º 34

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de abril de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que no Rio Vermelho ha uma companhia que se occupa em furtar carneiros, gallinhas, patos, perús &c; o que não convém muito a quem tem taes animaes. Fazem parte dessa sucia um tal Victorino, um Patricio e um João Gomes, sobre os quaes devem recahir as vistas da policia que naquellas paragens só vê o que lhe faz conta.

Espera-se providencias.

—Ao mesmo, participando-lhe que, no sabbado á noute, appareceu nos Barris um sajeito vestido de mulher; dizem que, *perseguido*, conseguiu fugir.

Na mesma noite os larapios invadiram a casa do Sr. Antonio Manuel de Sant'Anna, á ladeira de S. Francisco, e levaram uma caixa de joias.

Estes e outros factos diariamente trazidos á imprensa, provam contra a energia da policia, e espera-se que S. S. não queira confirmar a sua ausencia.

—O *Oneida* trouxe noticias do Sul.

—Deseμβuche.

—A 17 de março a nossa esquadra, deixando sufficientemente gardado o porto de Corrientes contra qualquer surpresa paraguaya, subia em tres divisões até as Tres Boccas.

A esquadra tomou posição da seguinte maneira:

Primeira e terceira divisão—em linha desde as Tres Boccas até o forte Itapirú, ficando na testa da linha o navio almirante *Apá*.

Segunda—na embocadura do Paraguay tambem em linha cuja testa é o encouraçado *Barroso*, fechando assim ao inimigo toda communicação por agua.

Constava a esquadra de 22 vasos com 102 peças.

No dia 21 partiram os vapores *Tamandaré*, *Araguary* e *Henriques Martins* commandados pelo capitão de mar e guerra *Alvim*, com instrucções para reconhecer os passos do Alto Paraná afim de escolher-se o lugar mais favoravel de effectuar-se a passagem do exercito.

A's duas horas da madrugada do dia 22 uma bateria volante collocada nas Tres Boccas fez 14 tiros de bala no encouraçado *Barroso* no qual porém nenhum pegou.

A esquadra reconheceu toda a margem direita do Parana até algumas leguas acima do Passo da Patria, destacando alguns navios para este serviço, e balizou o canal, sendo em todo este serviço apenas hostilizada por alguns tiros do forte de Itapirú e baterias de terra, tiros que não acertaram

e a que os nossos navios nem se quer se dignaram responder.

Ficou a resposta adiada para o dia 25 de março, em que a esquadra devia arrasar todas as fortificações paraguayas levantadas à margem, franqueando a passagem ao exercito alliado, que a 28, segundo se dizia, transporia o rio. Para este effeito havia prompto um immenso material capaz de transportar de cada vez 7,000 homens, e em 24 horas todo o exercito, que passava de 40,000 homens. A' sobra da artilharia da esquadra esperava-se que esta passagem se realizaria sem grandes perdas da nossa parte.

O exercito estava acampado em *Talacora* a 6 leguas de Corrientes e 2 e meia do Passo da Patria.

—Eis o que é! Foram recrutados, foram remetidos ao sul homens cazados, doentes, empregados, que de qualquer modo faziam falta a alguem.

Os que deviam ir, esses meus senhores sem eira nem beira, os capadocios, amotinadores e desordeiros abi estão!

Ocultaram-se no tempo da leva; mas agora deitaram as manguinhas de fora.

Roubo, furto, desordem continua, assuadas, arrombamentos de cazas de meretrizes, insultos a familias, bofetadas no templo, as ruas causando reccio, tudo tem apparecido!

Não é declamação; desta imprensa mal apreciada por alguns não faltam noticias dos casos que se vão doudo.

Ainda um destes dias, domingo à noute, na caza n.º 32, Atraz da Sé, houve uma orgia diabolica; parecia que os capadocios queriam deitar por terra a habitação das pobres infelizes que os admittiram em caza. E depois do grande barulho que no interior fizeram, sabiram à rua, e um dos taes que era guarda policial á paizana, chicoteou horriavelmente um dos companheiros bacharel.

Este e outros factos são dados á luz diariamente; mas a maganagem levanta o collo porque conta com a impunidade; a capadocagem affronta o publico porque tem por si a inercia da policia!

Oh! é preciso que quem se incumbê das cousas tenha a aptidão e geito necessários para bem geril-as!

E' preciso que o publico viva desconfiado, que julgue que paga imposto para lhe garantirem a propriedade e a vida como diz a lei fundamental.

E' preciso que o cidadão possa ter confiança nas leis e nas authoridades do seu paiz.

E' preciso que o crime seja punido e perseguido para que possa descansar a virtude.

—E eu só quero ver o resultado do que V. disse; é qualquer grande dizer que não leva em conta gazetinhas.

—Bem bello! E' o Sr. Costa Guimarães a insultar seus empregados e estes por sua vez a insultarem o povo!

—Onde foi que V. viu isso, Sr.?

—O insolente carroceiro que cuida da rua do Saldanha, quando apanha o cisco, injuria desabridamente as mulheres, chamando-as de porcas, burras e; é todos os dias.

De maneira que o povo paga para ser bem servido e é apenas insultado, porque o Sr. Costa Guimarães só acha bebados e malcreados para empregar!

—Cousinhas da terra.

—A direcção da Quinta dos Lazaros pode intervir nos negocios internos das irmandades que alli tem cemiterios?

—Está claro que não.

—E como prohibe que uma irmandade interre em seus carneiros?

—E' que ha motivo. Mas quando foi isso?

—Ora quando! Uma irmandade deve tapagem de carneiros, manda dar parte que ha hoje um interro, respondem-lhe que o mordomo deu ordem para que alli se não enterrasse. Leva-se porem o dinheiro da tapagem daquelle dia e ainda assim a ordem fica em vigor, o defunto é enterrado!

—Incrivel!

—Incrivel, porem facto. . . .

—E' que nesta Bahia só é impossivel ella tomar geito.

—E invadem assim os homens da morphéa os dominios da morte!

—Na ladeira das Hortas ha um beco na caza do Sr. Joaquim Torquato, em que se reuñem mais de 30' moleques, tambores, meretrizes e outros ejusdem furfuris; á noite ha alli barulho a valer, gritos, samba e furto de gallinhas pela vizinhança, que se queixa do grande incommodo que soffre.

—E' intender-se com o subdelegado competente, dizendo-lhe que deve tractar de policíar aquella rua, visto se achar na Gamboa o Sr. Joaquim Torquato que com a sua presença e força moral espavoria os peraltas.

—A bom santo me encomenda!

—Capitão, disseram-me isto. . . .

—Isto, o que?

—Que o guarda policial Vicente Atílio Regulo requerera ao commandante inspecção de saude a 14 do passado e que somente a 29 teve elle despacho favoravel. A junta achou-o incapaz de todo serviço por soffrer elle de hernia; o homem requereu immediatamente ao presidente sua baixa; o requerimento foi demorado até o dia 7 do corrente e o guarda intendeu dever fallar vocalmente ao presidente no que foi impedido pelo cabo d'ordeus, o qual correu immediatamente a provenir o commandante. Este mandou metter o pobre guarda no calabouço a meio soldo!

—Agora V. trazendo isto para o Alabama faz o homem soffrer até tronco; o Sr. Salles não castiga soldado accusado pelo Alabama e enfurece-se contra as victimas por quem a imprensa reclama.

—E' o que me disseram.

E disseram tambem que o guarda está bem doente; e que so a pedido de alguns officiaes alcançou ir á revista de doentes, sendo dalli mandado para o hospital.

—O facto, a ser verdadeiro, é semelhante a outros muitos. Hoje so por meio de empenhos se alcança alguma cousa; é preciso que o pobre soldado valha-se d'algumas pessoas de quem o

commandante dependa e tudo arranja-se.

E' a moda.

LA VAE VERSO.

Dialogo

—Compadre, por que será
Que o delegado João
Que não me fallava, ao ver-me
E' logo chapu na mão?

Veja la si o advinha,
Tire me desse embaraço;
Ha dias, mil conjecturas
Na mente faço e desfaço.

Quererá pedir-me o homem
Por acaso algum dinheiro?
Pouco tenho; mas lh'o cedo
P'ra mostrar o que é roceiro.

Mas elle tem uma Eva
De quem ja tem um filhinho;
Querem ver que sou chamado
P'ra servir-lhe de padrinho!

Mas não; eu vejo a menina
Meio arisca, elle tambem;
O cujo pede-me a filha,
Dou á sorte o parabem!

—Visionario, não vês
Qu' és um rustico roceiro
E que figurar não podes
De pae rico e fazendeiro?

E si padrinho do fiho
Do rico não podes ser,
Como de sogro do rico
Pretensões ousaste ter?

O que somente ser pode
E' que o dinheiro te coma
E que depois te abomine
Como o toucinho Mafoma.

O cortejo que recebes
Com frequencia, assiduidade
Não é mais do que uma rede
Que te lança a authoridade.

Ahi stá novembro, compadre,
Ahi vem as eleições;
Aperta-se a mão de todos,
Ja não ha mais figurões.

—Tudo no mundo é possível,
Mas agora caio em mim;

Da phantasia e vaidado
Andei feito manequim.

O chapéu que o homem tira,
Quando ja negou-me a falla,
Tem por motivo eleições,
Serve apenas de caballa!

A PEDIDO

—Capitão, peço-lhe o muxingueiro para metter a taca n'um desfructavel atrevido.

—Não pode sahir de bordo; os castigos não cessam em quanto não cessarem os crimes.

—Pois ouça o que ha e veja si me *lambadêa* o sujeito.

Ha no sitio das *Pitangas* um taful conhecido por *Julinho Sete contos*; é mettido a *petit-maitre* e tem-se em conta de *conquistador* de virgens; e bem que não passe de ridiculo palhaço para muitas, vae comtudo illudindo aquellas que por inexperientes pensam que tudo que luz é ouro.

Esse desfructavel escandalisava diariamente a vizinhança com uma innocente virgem, abi para a *Fonte das Pedras*; alguns rapazes reuniram-se, e em uma noite, quando ia elle visitar o ponto, foi abordado e representou o tristissimo papel de judas; isto é, sujeitou-se a que os rapazes lhe atassem uma caixa de traques na aba do sobresaco, a que tocaram fogo, soffrendo na vista da *demorada* as vaias dos moleques que o viam saltar enfurecido por entre os estouros, faiscas e fumaça.

Ora um caso destes é para envergonhar um cão; pois o nosso *Julinho* voltou á conquista e tacs escandalos continuou a fazer com a *condescendente*, que foi dalli corrido a pedradas pelos moleques, entre assovios e gritos de *renitente, larga o osso*.

E ainda continúa a roer o osso aquelle esfaimado cão de açougue!

—Quer então que eu indireite um pau que nasceu torto?!

—Algumas providencias são precisas.

Não é so isto; vae indo no seu destino por toda a parte. Agora anda pela rua do *Bangala*, e tem feito o diabo

com uma coquette amarellada da qual se acclamou dono, sem que nenhuma reclamação houvesse.

O namoro é o primeiro passo para o casamento; mas quando elle não tem por fim a união de dous entes, a procreação da raça, a perpetuação da familia, abençoadas pela magestade da Religião; quando, ao contrario serve elle apenas para enojar e indignar os vizinhos, escandalisar ao publico, é preciso que haja um correctivo, e este correctivo venho imploral-o de V. Ex. para o caso vertente.

—Bem; hei de encommendar á policia disfarçada que me agarre o bobo e fallaremos.

—Que ao menos a gente da caza ponha cabo em certas cousas.

—Arranja-se tudo e o tal *Julinho*, apezar dos 7 contos, toma taca sempre.

Pergunta innocente.

Estando em arrematação a canalisação do rio *Camorogipe*, pode o Sr. José Carlos continuar a receber ordenado, como seu administrador?

O bom senso está dando a resposta; mas quem se julgar habilitado ou obrigado que se digne dar um ar de sua graça.

Um que não sabe.

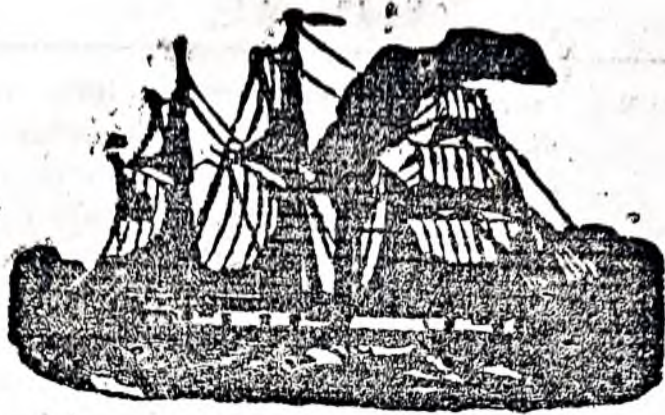
ANNUNCIOS.

Quem precisar de um caixeiro para alambique, habil para distillações de agoardente, dirija-se ao armazem do Sol à rua dos *Caldereiros*, que achará com quem tractar, sendo para o reconceavo.

O proprietario da loja de fumo e charutos sita ao *Caes Dourado* n. 83 pede ás pessoas que tem contas desde o anno passado o favor de vir saldadas no praso de 8 dias, do contrario terão o dissabor de ver seu nome publicado por extenso neste jornal.

Está exposta á venda na loja de livros ao largo da *Praça* do Sr. *Martin*, a nova modinha intitulada — **O meu penar**, por José Bruno Correia.

Preço 1\$ rs.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

14 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 4.^a—N.º 33

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n.º 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade do Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de abril de 1866.

Não houve expediente.

—Por acto de 7 do corrente foram nomeados, para a subdelegacia do arraial do Alegre, termo de Carinhanha

1.º supplente tenente coronel *Irenio Pereira de Castro*;

2.º dito major *Honorato Pereira de Castro*;

3.º dito *Pio Pereira de Castro*.

São portanto tres membros da mesma familia, um tenente coronel, um major e o outro provavelmente capitão, que ficam agora todos subdelegados.

E' provavel que os outros que tambem foram nomeados e que não tem o mesmo appellido sejam comtudo da familia que com um olho só domina aquella terra de cegos.

Andar assim é bom andar.

Deitem as manguinhas de fora que temos vento pela popa.

—Acabou-se o *changó*! O espectáculo repulsivo que se presenciava diariamente nas ruas desta cidade de passarem acorrentados pelo pescoço homens que nenhum crime tinham com-

mellido—foi abolido! Graças, ao Sr. Dr. chefe de policia Galeão que assim deu provas de que não desmente as ideias que predominam na sua illustre familia!

—Que tiros são estes?

Ja não é a primeira madrugada que os ouço; sempre que passo pela ladeira de S. Francisco, soam elles do lado da maçonaria.

—E' um sujeito que intendeu que melhor era comer gato sem dinheiro do que vacca *salgada*; anda portanto a caçar gatos, para seu regalo, bem que fique incommodada a visinhança.

—Pois é uma caçada perigosa e prohibida.

—Uma mulher ia sendo offendida.

—Julgo que a policia deve intervir; tambem é pouca cousa: atirar uma *bola* bem arranjada, e nenhum perigo mais haverá de que o tal caxorrão devore os gatinhos dos seus visinhos.

—Capitão, uma como ha muitas.

—Vamos a ella.

—Aqui em certo tempo (tempo em que Latronopolis era Latronopolis!) havia uma policia que não era a policia de hoje.

—Boa duvida!

—Foi destacado com outros para o

sertão, Caetité por exemplo, um guarda do nome *Balbino*, filho de um tal *Frederico*, que la morreu. Não obstante o soldo do homem começou a tirar-se na thesouraria e o capitão da companhia a comel-o.

—Salva a redacção.

—Creio que o grilo comeu uns 261\$ rs. e mais comeria, si um tal capitão, parente do *Emygdio*, não mettesse uma *eunha* no negocio, quando teve certas questões que nos não importam.

—E como se chama o cujo que mamou os cobres?

—Foram diversos; todos achavam o escandalo e o continuavam. V. Ex. sabe que elles estão sempre em commissões, entra um, sae outro e neste vaivem a ladroçeira ia andando.

—Bagatella. . .

—Bagatella ou não, são 261\$ reis. Supponha que o caso se deu presentemente, o que faria V. Ex.?

—Não tenho nada com isso; não adianto ideias que podem não ser cumpridas nem argumento por hypotheses.

—Pois eu fazia os cobres voltarem á thesouraria e havia de apparecer muita cousinha boa e muita carinha bonita. Ladrões!

—Capitão uma historia.

—Conte-a.

—Havia aqui uma africana que vendia mingau na porta d'alfandega, chamada *Victoria*; era casada com *Raymundo d'Almeida* que foi para Africa. A mulher aqui ficou por suas rasões. Tinha ella, entre outros escravos, uma crioulinha de nome *Amancia* a quem muito estimava e a quem passou carta d'alforria. Querendo deital-a em notas, aconselharam-lhe que tal não fizesse, porque crioulo era gente ingrata e a crioulinha, logo que crescesse e soubesse que era livre, a desampararia; que ella guardasse a carta até a sua morte, unica maneira de obrigar a crioulinha a viver com ella. Assim fez.

Quem conhece, quem sabe o que é um africano que tem bens, como é *seguro*, ha de dar um juramento comigo

em como *Victoria* vivia desembaraçadamente, sem dever a ninguem.

Morreu, ha dous annos, e foi a menina para a casa da *Joaquina do André Pinto*, comadre da fallecida. Agora apparecem dividas e não apparece a carta da menina, quando muita gente sabe que sua senhora deixou-a liberta; querem vender a crioulinha, a pretexto de pagar as taes dividas tão demoradas em apparecerem!

Que acha. capitão?

—Acho que a authoridade devia investigar esse negocio, saber que fundo de verdade ha nisso que o Sr contou, ouvir alguém que sabe da carta, e fazer o que for de justiça.

—Pois hem; em nome da humanidade pede-se a attenção dos Srs. Drs. chefe de policia e promotor publico para esse negocio, si é que está nas suas alçadas.

A PEDIDO

—Capitão, duas perguntas.

—Hei de dar-lhe duas respostas.

—Si V. Ex. fosse o capitão do porto da Bahia e tivesse sciencia de que por ahi algures, por exemplo nas praias de Una, fosse encontrada uma bomba que um capataz puzesse a bom recato para servir em sua lancha (no caso de a ter, bem entendido) V. Ex. o que faria?

—O capitão do porto que lhe responda.

—E suppondo que V. Ex. era o chefe de policia e o capataz subdelegado, que faria V. Ex. ao saber que um pobre crioulo conhecido por *João Congo*, casado, foi, por embriagado, á ordem do tal subdelegado, mettido n'um tronco, onde esteve um dia inteiro, exposto ao sol, com ambos os pés presos, sendo dalli tirado quando desfalleceu e ficando de cama muitos dias e defeituoso de uma perna?

—O proceder das authoridades em casos taes responde ás suas hypotheses.

—Oxalá nestas procurem as authoridades ver si descobrem alguma these!

—V. não vê aquelle bobo, *Vira-beco*

da Barra, João duro da cidade, Cathogoria da repartição?

—Vejo.

—E' apenas um phosphoro da policia, escreve alli, devendo cortar capim e lavar cavallos, que é dever dos ordenanças.

Pois teve o desaforo de dizer que ainda havia ser supplente de subdelegado para recrutar os redactores do *Alabama*.

—E duvida? Peiores cousas tem havido.

Elle ja vae principiando; ha dias andou de ordenança atraz, quiz prender e desprender, fez mil proezas pela frente da igreja de S. Francisco.

—E' preciso primeiro que o porco va lavar-se que anda muito sujo.

E antes que chegue a cumprir seus intentos, ha de o muxingueiro pegalhe pelas orelhas para elle ficar conhecendo que mocotó não é lombo.

A cada tacada que levar o improvisado empregado publico das *cathogorias* ha de se ir lembrando das leis e dos direitos do cidadão brasileiro e ha de ser o primeiro a proclamar a infallibilidade das receitas do *Alabama*. Aposto então que quando elle estiver com a vara na mão nem por sonhos terá a lembrança de prender a postilhões quanto mais a redactores que se não dão a desfracte, servindo de palhaço para os companheiros.

—Ora venha ca, Sr. Leopoldo das enxundias!

—A's ordens.

—E' V. o membro protector da companhia dos *pescadores*, estabelecida no Caes do Ouro?

—Creato de V. Ex. . .

—E por miseria de Latronopolis, inspector de quartelão, da confiança do subdelegado que com tudo feito por V. concorda! . . .

Ora ande ca: que modo é este seu de tomar fiado, pedindo, rogando, com boas maneiras, allegando amisade e conhecimento e depois sem querer pagar, brigando, insultando e intimando de auctoridade?

Por que faz V. aos credores guerra desabrida?

—Calumnia.

—Testemunhas o victimas, ahi estão a confundil-o o Motta, o José da Fazenda, o Torres Sabia, o Agostinho Preguiça e outros.

—Pode ser que tenha feito algumas, mas não lembro-me.

—Si V., cousa ruim, além do mais anda sempre chupado!

Pois tem termos V. tomar os alqueires de farinha fiado ao mestre do barco das *fontes*, e agora, para não pagar, andar a insultar o homem e ameaçal-o com prizão?!

Até com seu pobre compadre, por que não pode mais atural-o nem levar facadas, V. exerce seu genio endiabrado?!

Uma vez ou outra em que elle se descuidasse em fechar a porta, era V. o primeiro a defendel-o por que V. delle tem arrancado muito. E como o anda perseguindo, mandando prendel-o quando se descuida?

Tenho conhecido que V. é cousa ruim no seu auge; castigo para certa gente safada aqui a bordo não ha.

O' muxingueiro!

Todas as vezes que encontrares este sujeito pelo Caes do Ouro e immediações mettido em questões e prisões, mette-lhe a taca de rijo; pode ser que elle te ameace com o poder do Sr. de *Castro*, mas continuarás as tacadas até que elle se lembre que mais valem os santos do que os homens e implore por S. *Leopoldo*, que é o santo de seu nome.

—Capitão, venho pedir-lhe um favor.

—Não sendo dinheiro ou cousa que o valha, estou a seu dispor.

—E' um simples pedido apenas.

—Va dizendo.

—Queria que mandasse o seu aspirante intender-se com o morador da casa n° 21 D, ao Saboeiro, e o obrigasse a ter, á noite, ou suas janellas fechadas ou se conservasse ás escuras.

—Isso é impossivel; cada um pode estar em sua casa como lhe convier.

—Mas a razão é porque o homem á noite escancara as janellas e põe-se nu em pelle como sua mãe o pariu e pelo meio da casa, de officieid na boeca a tocar: chama assim a attenção da vizinhança e as vistas vão esbar- rar-se com aquelle painel.

Pode ser que elle faça isso por sofrer muito calor, mas tambem devo attender ao decoro das familias.

—Então o sujeito é *musico*?

—Parece.

—Como se chama?

—Não sei.

—Bem; vou mandar chamal-o e admoest-al-o, pela primeira vez; mas si reincidir tem obra com o muxin- gueiro.

—Obrigado, capitão.

—Capitão, quem é que não conhece o Rei dos moleques?

—Creio que ninguem.

—Pois engana-se e a prova é um ourives que tem taboleta na rua dos Ourives; levou do larapio uma bomba- da soffrivel.

—E' que então o homem estava despachando canastras de vinagre.

—Não sei; o que corre é que Salú foi ao homem em um dos dias da semana Santa e tomou-lhe algumas joias para ir mostrar a sua tia para ver de qual dellas se agradaria.

—Estava doudo o homem, não tem duvida!

—Que fez Salu?

Empenhou as joias por 50\$ rs. e mandou o ourives á fava.

—Bem feito lhe seja; avisos não lhe faltaram.

—O ourives não foi tão infeliz como parece; sabendo da tratada de Salú, foi ter com a tia que escorregou in- continenti os 50 bagos para se ir res- gatar as joias.

—Pobre senhora!

—E assim mesmo ha de negar as ladrocinhas desse ingrato que ella devera tanger a ponta-pés pela porta fora.

Ha pouco uma familia chegada de Valença fez reparo nas diabruras que Salú fazia e ella defendeu-o promptamente.

Esso proceder causa dó; mas fez rir ouvir o descaradão que estava presente, dizer que se havia vingado.

—E que faz?

—Pobre coitado, mal chega uma is- ca para cada tubarão que o pretende devorar. E depois so vinga-se quem tem vergonha que foi cousa que Salú nunca conheceu.

O abaixo assignado roga á illustro redacção do *Alabama* o especial favor de lhe declarar por este mesmo periodo si um escripto, que sahio em o n.º 33, oito do corrente, pag 3.ª colum- na 2.ª in fine, que traz por titulo— *Continuação*,—e contem allusões de *autos sumidos em certo cartorio, para somente apparecerem quando se págar as buscas*, se refere ao abaixo assignado: visto como um tal *judeu Leão da Silva*, contra quem agencia o abaixo assignado uma execução e um embar- go, anda pelo Forum com esse numero do *Alabama* affirmando, que essas al- lusões se referem ao mesmo abaixo as- signado; por ter *elle judeu* disso inteira sciencia.

Com a resposta de Vv. muito terá a agradecer-lhes.

Secundino Mendes Rabello.

Tendo sido o artigo remettido por terceira pessoa, como se vê do titulo— a pedido—sob o qual foi elle publica- do, ignoramos a quem se referem as allusões nelle contidas. Bahia 13 de abril de 1866.

A Redacção.

ANNUNCIOS.

Quem precisar de um caixeiro para alambique, habil para distillações de a- goardente, dirija-se ao armazem do Sol á rua dos Caldereiros, que achará com quem tractar, sendo para o reconcevo.

Está exposta á venda na loja de li- vros ao largo da Praça do Sr. Martin, a nova modinha intitulada—**O meu penar**, por José Bruno Correia.

Preço 1\$ rs.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

18 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 4.^a—N.º 36

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 17 de abril de 1866.

Ofício á camara municipal, participando-lhe que as barracas da praça do Mercado se acham tão estragadas que os cornijamentos e linhas de engradamento, que são de madeira, estão vindo abaixo.

E como pode succeder que caiam elles em occasião em que passe algum infeliz, e como é sempre bom prevenir, espera-se da Illma. que lance para as ditas barracas suas piedosas vistas.

—Ao Sr. fiscal do gaz, pedindo-lhe que faça com que essa companhia mande indireitar o combustor n.º 1372, junto a fonte das Pedras, que se acha cahido ha seculos!

Aquella rua presta-se, por sua exquisitice, a maus fins. e conserva-a no escuro parece protecção e animação a desordeiros e ratoneiros que por alli se embosquem.

Espera-se por tanto que S. S. dê-se pressa em executar o pedido que importa um bem commum.

—E' uma barbaridade!

Entretanto o Sr. tambor vae seu ca-

minho socegado e impune, sem ter quem lhe tome contas dos maus tractos que pratica com infelizes creanças que lhe cahiram nas unhas!

—Que é, rapaz?

—E' um desaforo inqualificavel! Realmente esta terra está perdida! Ja tambor é cousa; pode castigar, martyrisar impunemente, sem que ao menos um protesto da visinhança seja ouvido!

—Que necessidade tem os visinhos de se intrigarem?

E onde mora o tambor? o que faz?

—Mora na rua das Veronicas; creio que é do batalhão de artilharia. Quando qualquer das creanças, de que é mestre, commette qualquer falta, arma elle todos os companheiros de chibata, forma quadrado, mette o pequeno delinquente no centro e faz carambola com o menino á força de vergalhadas, que é um nunca acabar!

Causa lastima, faz dó ouvir o gemido da criança e o chiado do junco, em quanto ficam indignadas as pessoas que lhe ouvem a vez imperativa a ordenar manobras que são executadas no corpo do menino.

—Que perversidade! Aqui o remedio, julgo eu, é a policia intender-se com o homem etcetera e tal.

—Ora speremos.

—Quantas casacas tem o Dr. Junqueira?

—Provavelmente muitas.

—Diabo! anda o homem a virar do bordo; quando se o espera bonançoso, eis-o que vem pela proa furioso como trescentos demonios!

Sempre a virar a casaca!

—Si vira a casaca é que só tem uma com duas vistas talvez.

—Mas, homem de Deus, em tracto de politica; quero dizer que ninguem sabe quando tem pelos pés ou pelas mãos o Dr. Junqueira; não lhe sei comprehender o ligueirismo, o progressismo; proclamou-se ligueiro e sempre esteve na opposição.

—Pois o que V. lhe acha um crime, julgo eu virtude. S. Ex. guerreou o celebre ministerio Olinda por causa do celeberrimo empréstimo do marquez de Abrantes; guerreia agora o celeberrimo gabinete Olinda talvez por causa do decantado empréstimo do Sr. Dias de Carvalho.

E' sempre a mesma casaca; opposição aos abusos onde quer que os encontrem.

—Enfim, lá se avenham; são brancos, comem seu toucinho, por lá se arranjam.

—Capitão, uma rectificação.

—Faça-a.

—Lembra-se d'uma historia que contei sobre um defuncto soldado de policia que recebia soldo?

—Pois não!

—O dinheiro do homem morto já foi recolhido á thesouraria; recebiam-no por que estavam na *duvida de que o defuncto seria ou não vivo*. Eu sou justo, dou o seu a seu dono e é por isso que declaro já que não está provado que a restituição do dinheiro fosse feita antes das ameaças de certo capitão.

—Gosto muito de quem falla a verdade.

—Nesta terra parece que nunca houve camara municipal e ainda outras e outras

Veja aqui o largo da Palma como está inteiramente coberto de capim.

—Admira-se do pouco; a frente da matriz do Pilar está cheia de mamoneiras e coirannas.

—Mas veja quanto cisco, quanta garrafa quebrada! Onde está a empresa do Sr. Costa Guimarães?

—Que lembrança!

—Venha agora pelo Castanheda, ande; arranje-se, abra o capim com as pernas, muito embora leve-lhe o diabo os sapatos e as calças! Está vendo! Conte: um, dous, tres, quatro..... dez!

Dez canos particulares que despejam para a rua! Tem termos isto?!

Veja aquelle muro com aquella bica de telha e com aquelle rego tambem de telhas; é mais um escoadouro para aformosear a rua!

Eis o *beco* do Tarquicio; não vê um rego tambem? Como o *beco* é um pouco mais alto, a infeliz rua é ainda o receptaculo das *aguas* que dalli correm.

Isto é rua em que se moro? Que é das authoridades da terra? que é do inspector de saude? que é do diabo da limpeza?

—Estão ahí; mas não ha dinheiro, e depois falta tempo ao homem do cisco.

—Mas os exactores serão promptos em cobrar as decimas e outros impostos, embora soffra o publico em sua bolça e em sua vida.

—Ora que diabo! Sae um homem de caza, limpo, paramenta-ses, acode-se, e quando menos o pensa, quando, descuidado, vae passando por uma rua, fica de repente sujo de lama! Isto só na Bahia!

—Com effeito é um cravo; onde sujou assim a casaca?

—Lá pela rua da Poeira, entretido a olhar para uma dama e nem reparava no chão que pisava; de repente sae de um muro fuma porção de agua suja e lama não com tanta rapidez que eu me não pudesse pôr a alguma distancia; mas como o diabo do cano é no alto do muro e a enchente foi grande, salpicou-me sempre e poz-me no estado em que vê.

—Que decepção! que risadas não daria a moça!

—Nem de tal lembrei-me mais; comecei a bradar comigo mesmo contra a camara e tomei nota do lugar para mandar para o *Alabama*. O diabo do muro fica junto a caza 89.

—E' com effeito lastimavel que em todas as ruas desta cidade se encontro aguas servidas!

—O Sr. Dr. chefe de policia interino fez ver ao Sr. carcereiro da correccão que não era possivel que continuasse o abuso de serem retidos os presos pobres, a pretexto de falta de pagamento de carceragem.

—Era com effeito um abuso; depois que o homem oblinha sua soltura ficar preso á disposiçãõ de 1\$800 reis que elle não podia ganhar.

—Abuso tanto maior quanto a lei não quer ninguem preso sem crime e neste paiz constitucional ninguem pode ser preso por dividas!

—Finalmente cessou o escandalo.

—Ja era tempo. O Illm. Sr. Dr. Galvão receba, em nome da humanidade desvalida, os agradecimentos que lhe são devidos pelo seu acto justiceiro.

LA VAE VERSO.

De quem seria o feliz
Que fosse eleito mandão
Havia, ha muito, disputa
Dos pitús no batalhão.

Entre outros se apresentaram
(Eu não sou homem de petas)

De *yoyó* Zezé o filho
E o homem dos caretas.

Tambem *Lopez* caricata
Queria pegar na cousa;
P'ra isso, dizem valeu-se
D'el-rei D. Mané de Souza.

Vae porem Mané ao Rio
E toco tal barafunda
Que pelas ventas nos joga
Horriavel... feia careunda!...

J. C. F.

A PEDIDO

Consta-nos que em certa caza nas immediações da policia, das 10 horas

em diante principia a escamotagem jogatinal, e isso com todo o escandalo, e menescebo á lei e ás authoridades; tendo ja havido pancadarias, trastes rotos, &; ajuntam-se francezes, hespanhoes, e um celebre portuguez das commendas, muito rico nas plagas lusitanas, mas que veio para esfollar aos papalvos, e a policia... a policia... no somno da innocencia, estamos no tempo da liberdade.

Continuaremos.

O official de justiça.

—Antes trabalhar-se para gente pobre que tenha vontade de pagar, do que para esses fidalgotes ricos que quando não estão no banho ja sahiram de casa, e sempre vivem cheios de embaraços!

—Que duvida!

—Estou aqui damnado! Trabalhei no funeral de uma pessoa titular, chefe de uma familia ricassa, e até hoje estou por ver meu dinheiro.

—E tem procurado?

—Ja estou cansado de caminhar. E' um jogo de empurra; anda-se de Judas para Pilatos e nada de apparecer dinheiro.

—Então va tendo paciência.

—Eu o que faço é um protesto de nunca mais tralhar fiado para barões, viscondessas, etc.

—Pois o *Zé* vapor é mais feliz que V.; so trabalha para pobre e sempre recebe.

Caso virgem.

Indo alguns officiaes de justiça dar cumprimento a um mandado do juiz, tiveram em resultado apanharem, e voltarem rotos e maltratados; o juiz da terra, consta-nos, que satisfez-se com o prometterem os taes desrespeitados da lei de pagar; em vista disso ja se vê que pago o dinheiro, está a lei desafrentada, e tambem o juiz. Não posso crer; e só quero ver em que fica isso; pois não estamos no Paraguay.

Uma testemunha de vista.

—Que foio o reprehensivel procedi-
mento!

—Qual?

—Daquellas mulheres na rua Direi-
ta do Collegio.

—O que fizeram?

—Ha um cego a quem os moleques
chamam *Saruê-bejê*: todas as vezes
que o homem passa por alli á noite,
despojam-lhe bacias d'agua. Acho isso
uma deshumanidade.

—Sabe o n° da casa?

—18.

—Vou ja dar providencias para que
essas honradas senhoras não conti-
nuem.

O Dr. Cathegoria

Quer ter foros de barão,
Quando aqui é conhecido
Por um grande TOLEIRÃO.

Arrenega a sua patria
E diz que quer ser francez,
Ja não se lembra em menino
Das *cousinhas* que elle fez!

O Dr. não passa aqui
De um simples ordenança,
Quer ser subdelegado,
Qu'è para tirar vingança.

O Jayme.

—O que faz este sujeito constante-
mente em pé pelas portas das boticas e
lojas?

—Este bigorriha não tendo em que
se occupar, vive trocando as pernas e
malandreado.

—E que faz a policia que não lhe
dá destino?

—O cujo tem labias que engana a
todos; intitula-se de ricasso; diz que
tem 36:000\$, em diversos estabeleci-
mentos, que é filho de um Sr. de enge-
nho parente do *Carvalho*, que tem bens
no reino do *Aragão*; mostra cartas com
letra fingida dizendo que é do pae, em
que lhe promete mundos e fundos; diz
que recebe uma quantia todos os mezes
para seus gastos e outras cousas; e com
taes palavrinhas conseguiu tomar um
abono de fazendas no valor de 898\$200
em mão de um estrangeiro, a quem
comprometteu, e mandando este lhe

fazer penhora nos cacos, nada achou.

Ja foi em algum tempo despachan-
te de certa repartição, mas por suas
boas obras o enxotaram dalli.

A corta pessoa tomava constan-
tamente aos 2\$ e 3\$ rs. dizendo que
não tinha recebido mesada e mostrando
uma carta do pae em que lhe prometia
dinheiro no mez seguinte.

—Sabe-lhe o nome?

—Não; sei que tem Pires.

—Pois va com o grumete *Francisco*
agarral-o e o leve para bordo que tenho
destino para elle.

Atenção

Pede-se ao aspirante João de Deus,
que vá ao Gravatá, venda dos *dons-*
dous, e disperse uma sucia de sujeitos
que põem-se alli a fazer assuadas e ás
vezes a adiantar-se; no caso de reinci-
dencia conduza-os a bordo a fim de
serem castigados por ordem do capitão
do *Alabama* e publicados seus nomes.

Um massado.

—Caso raro!

—Qual?

—A beata da ladeira dos Barris ca-
sou-se.

—E o que tem isso?

—E' para admirar; por que ella di-
zia que não era mais deste mundo e
que tinha feito confissão geral na Pie-
dade; e que toda sua vida consagrava
a S. Firmo de quem era devota.

—Então foi milagre do santo.

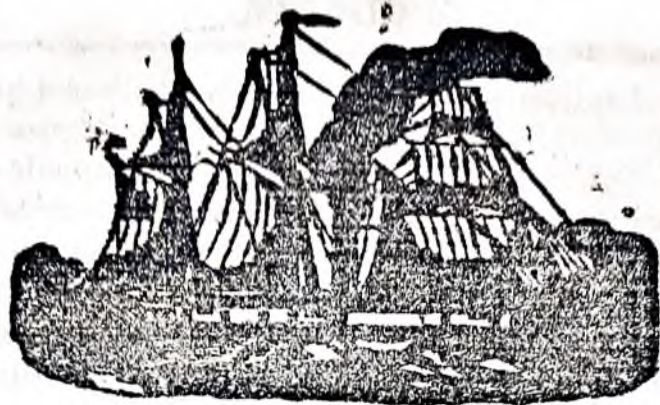
—E' provavel; mas muito milagro-
so é o tal S. Firmo si reduziu aquelle
coração tão chegado ao ceu a voltar-
se para o mundo.

ANNUNCIOS.

Atenção!

Fugiu do abaixo assignado ao Campo
da Polvora, um caxorrinho do Reino,
branco, cabelludo, com uma pequena
ferida no pescoço, accode por Nilo
quem o achar, e levar a dita roça ou
ao trapiche Julião será recompensado
com 8\$000. *João Manuel Fernandes.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

19 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 4.^a—N.º 37

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de abril de 1866.

Officio ao Sr, commandante do corpo de policia provisório, para que responda com brevidade sobre o seguinte:

Si é verdade que o guarda da 3.^a companhia José Luiz de Souza fôra espancado a panno de espada desde o tanque do engenho da Conceição até a casa de prisão com trabalho pelo tenente Filgueiras.

Si é exacto que aquelle guarda esteve de guarda seis dias successivos e fazendo sentinellas dobradas.

Si é egualmente exacto que não podendo o referido soldado resistir aos maus tratamentos de que era victima, fugiu do destacamento como foge um escravo do poder do senhor vilão, e veiu se apadrinhar com S. S.

E no caso de ser tudo isso exacto, que crime commetteu aquelle soldado para ser tratado tão brutalmente.

E no caso de haver commettido crime, si é esse o meio de punição apontado pelo regulamento do corpo.

Finalmente si não estando o mencionado official authorisado a praticar tal abuso com um seu subordinado, a razão porque até hoje está impune, a

serem verdade estes boatos que o vulgo espalha ha mais de 8 dias.

A moralidade e disciplina do corpo do commando de S. S. urge por uma prompta solução a este negocio.

—V. tome sentido quando passar pela ladeira do Gravatá.

—Que ha então?

—Uma bocca de lobo, coberta pelos capins da beirada e collocada em falso; tem succedido a muito gente pisar naquelle alçapão e ficar de perna dentro; tem sido felicidade não haver ja alguma perna quebrada.

—E' o que a camara está esperando; descança inertemente até que alguma desgraça a desperte de seu somno para que dê algumas providencias.

—Com effeito!

—Veja o de que é capaz o coração humano. Um tal Albano, na Lage, tendo desconfianças da mulher, castrou-a e serrou-lhe depois as munhecas!

—E' horrivel e incrivel!

—Impossivel não é, e o *Jornal* que relata o facto affiança que é verdadeiro.

—Frigidus horror membra quatit!

—Ha na rua do Bangala uma caza de dar venturas portendente a um preto de nome Izidoro; alli se reuñem todos os infelizes ignorantes que creem que

mingau é cangica o que depositam seu dinheiro nas mãos do sabido que vive à custa dos tolos; bruxarias de toda a especie são praticadas com revoltante escandalo, indignando a quem tem cabeça e coração para lamentar os desvarios da humanidade.

O candomblé é nas immedições das cazas do Sr. Malaquias; nelle entrou no dia 12 a policia, que, em outro paiz ja o teria descoberto e feito desaparecer.

Dous portuguezes, acompanhados de dous guardas de policia, lá penetraram e tiraram duas negrinhas fugidas, que se tinham acoutado nos dominios do novo ogam; entretanto contentaram-se com isso, quando podiam dar cabo daquella patifaria.

—Ora bem bello!

V. parece doudo; como é que queria que dous portuguezes e dous guardas que foram por ordem da authoridade a um fim especial, ultrapassassem suas attribuições e se mettessem a vasculhar a casa sem a presença da authoridade?!

—Está bom, Sr; mas agora a authoridade ja sabe onde é o covil, deve expellir dalli quanto antes a fera e as victimas que habitam aquelle immundo templo de devassidões e miseria.

—Isto sim; esperemos que a policia faça o seu dever.

—O olho-vivo anda desaforado; os tratantes abrem de dia as portas dos cidadãos com gazuas!

—Deixe-se de historias.

—A historia é que na segunda feira 16 do corrente um tal Mamede foi á rua d'Ajuda e abriu a caza de uma crioula de nome Paulina e roubou-lhe mais ou menos noventa mil reis em dinheiro, umas correntes cheias de patações e enfeites, um collar e mais algum ouro que achou. E nesse mesmo dia o patusco foi a uma caza de jogo e apresentou diversos patações com signal de que tiveram argollas e estiveram em correntes.

E' um sujeito bastante conhecido; ha dias bifou um relógio com a maior semcerimonia e facilidade do mundo.

—E a policia o que fez?

—Bifou-o por sua vez.

Havia contra elle algumas suspeitas e o subdelegado da Sé recorreu ao subdelegado de S. Pedro (ello mora no Accioli) que cercou-lhe a caza e achou interradas as joias da rapariga; os cobres provavelmente ja se tinham ido na jogatina.

—E amanha sae esse ladrão da cadeia, porque a liberdade.

—Nada, homem de Deus; desta vez o crime é roubo, houve arrombamento, violencia, emprego de certos instrumentos; e creio que a *ex-officio* o ladrão tem de grammar provavelmente 8 annos de galés.

—Safa!

—Era a pena que eu lhe dava: grau maximo; pagava por todas que tem feito que não são poucas.

—Até que a final resolvi a quadratura do circulo. Queria comprar um cavallo, mas tinha medo das despesas de comedia; agora está salva a patria; vou mudar-me para a rua do Bangala e solto o bichinho na rua que ha de dar gostos.

—Serio? E o fiscal, homem de Deus!

Quem quer solta alli seu burro para pastar e não tem nada; eu que chego agora sou logo multado!

Favor ainda faço eu á camara em limpar a rua que está cheia de capim, que é uma vergonha, no meio d'uma cidade que tem edilidade, que faz posturas, que tem agentes; d'uma cidade que tem companhia de limpeza, que paga para se ver limpa oitenta contos annuaes, agora o *alho*.

—Faça lá o que quizer. . . .

—Ha por aqui uma celebre sertaneja, que por mais batida que tenha sido, ainda não ficou inteiramente civilizada e julga que está nos campos das lavras a amansar burros.

No seu orgulho unido á sua ignorancia, entendeu que estava no direito de fazer o que faz o saltador; mandou por alguns escravos seus invadir a caza de um velho padreiro e tomar á for-

sa o cesto de pão que conduzia um preto para vender. As pessoas que passaram horrorisaram-se do ver aquelle acto de brutal demonstração da força.

—E' que a mulher suppõe que onde se mata o boi se o esfolia.

—Pois que fique sabendo que engana-se; fosse qual fosse a razão não se adequadam taes modos com a civilisação da terra em que vivemos; temos tribunaes no paiz para as questões sociaes.

—Tambem o diabo da mulher é uma tabarôa chapada!

A PEDIDO

—E' preciso pegar o Leopoldo.

—Pegado ja esta elle. Ha no Caes do Ouro um gallego saveirista e subcapataz, socio deste moço nas ladroeiras; os fardos de fumo é elle quem os traz para terra. *Aperta-se* ás vezes soffriavelmente, e no dia 9 entortou por tal forma o cotovello que tornou-se insupportavel. Eram 8 horas; a patrulha prendeu o gallego e Leopoldo appareceu e quiz soltar o homem porque era seu amigo; a patrulha não soltou.

Então Leopoldo, apresentando a ficha e intimando de authoridade, disse que o preso não seguiria sem que chegasse o rondante; a patrulha, não sei porque, recrutas talvez, annuiu. A's 10 horas chegou o rondante e perguntando aos guardas si tinham dado voz de prisão, responderam estes que sim e o official mandou seguir o preso.

Leopoldo porém que tem labias, taes historietas contou ao rondaute, depois da seguida do preso, que o official apitou para a patrulha e mandou soltar o gallego atrevido e bebado que a todos insultava.

—Acho que Leopoldo tem ao menos a virtude de ser bom amigo; é ladrão fiel.

—Mas eu peguei-o, por que V. Ex. ordenou que o segurasse e fosse-lhe de taca, sempre que o encontrasse involvido em questões

—Fizeste bem; da-lhe duzentas vergalhadas e atira com esta peste á rua.

Ao commandante dos pitús.

Os burros queriam por las ou por nefas
Formar um congresso da grei burrial,
Criaram empregos e burros pelludos
Até s'encartaram faltava um fiscal.

Faltava um fiscal e es coices cheviam,
Renniram-se os burros em um tribunal,
Troaram discursos, arengas e berros,
Ninguem se entendia, faltava um fiscal.

Um burro do club, talvez o mais sabio,
Ergueu as orelhas e disse afinal:
Não vejo por ora quem suppra a lacuna,
Talvez o accaso forneça o fiscal.

Ao longe isolado pastava um burrico,
Ninguem se lembrava do pobre animal;
Mas elle chegou-se por sorte ou accaso,
Serviu-lhe o emprego, achou-se o fiscal.

—Capitão, acabo de presenciar uma injustiça.

—Vamos com isso.

—Conhece o official de justiça Guabiraba?

—Conheço.

—Pois esse homem foi á rua Nova dos Benedictinos, casa de certo procurador, cobrar os emolumentos de uma diligencia que fizera na Calçada do Bomfim e que lhe fôra encomendada pelo tal procurador; o procurador negou-se a pagar a pretexto de que não foi bem varejada a casa, corrida a cozinha e sequestradas as panelas, cousa que o mandado não authorisava. O official de justiça ponderou-lhe que era pobre, carregado de familia, e que o dia era sabbado em que elle muito precisava de algum dinheirinho para remediar-se. O procurador respondeu-lhe que se fosse embora e não tornasse, sob pena de o mandar atirar em corpo e alma no meio da rua por dous ou tres pretos; e começou a gritar que não fosse insultal-o, dando logo um espectaculo a que assistiu a vizinhança. Guabiraba respondeu-lhe que cobrar custas garantidas por lei não era insulto; o procurador, doudo, possesso, armou-se de uma espada, e apesar da opposição da familia, chegou ao patamar da escada, gritando: Deixem-mo atorar este bode!

O official disse-lhe que viesse para a

rua e a pedido de algumas pessoas retirou-se logo depois.

Então?!

Não paga ao homem e quer atorar bodes!

E anda depois inculcando-se de grande cousa e fallando em empenhos. Empenhos para que?

Oh! é preciso que o tal Sr. procurador se lembre que eu nasci na villa de S. Francisco, muito perto do engenho Gurguia e da fazenda Orobó!

Quererá acaso certas recordações?

—Qual, o homem não quer nada sinão deixar de pagar ao outro. E acho que não deve isso continnar; uma reconciliação põe termo a tudo.

—Ora vejamos.

Caso virgem.

Indo alguns officiaes de justiça dar cumprimento a um mandado do juiz, tiveram em resultado apanharem, e voltarem rotos e maltratados; o juiz da terra, consta-nos, que satisfez-se com o prometterem os taes desrespeitados da lei de pagar; em vista disso ja se vê que pago o dinheiro, está a lei desafrentada, e tambem o juiz. Não posso crer; e só quero ver em que fica isso; pois não estamos no Paraguay.

Uma testemunha de vista.

Vi um dia um bicho feio,
Feio, feio a mais não ser.
As moças todas que o viram
Foram logo se esconder.

Vendo elle a impressão
Que causara seu aspecto;
Por muito tempo o coitado
Ficou n'um canto quieto.

Porém D. Agulha branca
Que louca por secundar
Com quem quer que apparecêso
Queria outra vez cazar;

Agarrou o pobre lorpa
Que não pode resistir
Aos medeixes da dona:
E o segundo fez cahir.

O burrego então pensando
Ter mui grande cousa feito

Arranjou uma commenda
E a cravou no largo peito.

Conseguiu logo em seguida
Depois de mui batalhar,
Um logar no parlamento,
E lá foi se encaixotar.

Foi então que se passou
Scenas de grande primor;
Ora era liberal,
Ora bom conservador.

Tanta infamia praticou,
Tanta arte poz em frente
Que arranjou uma provincia
Para ser o presidente.

.....!!!!

Agarrou para capacho
Um Sr. José Ferreira.
Que nos cofres da provincia
Fez então a sua feira.

A proposito de feira
Elle a faz em toda parte....
Contra as leis da natureza
Empregou não sci que arte....

Mas a raça do cabreiro.
Inda ninguem descobriu
Dizem uns ser uma anta,
Outros que um burro o pariu.

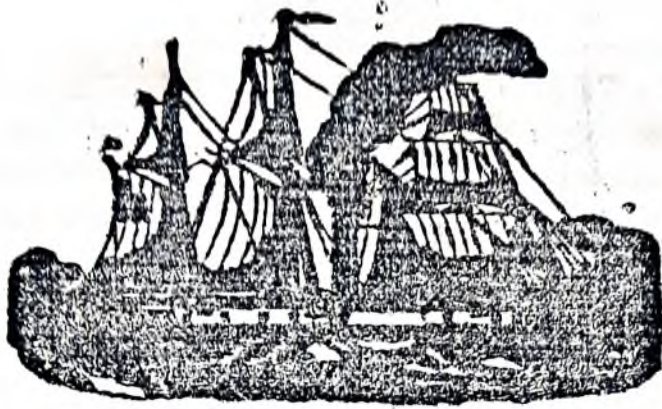
Digo eu com experiencia
Sem medo de correr risco;
Tem uma cabeça d'anta,
Mas é um gato marisco.

ANNUNCIOS.

Quem precisar de um caixeiro para alambique, habil para distillações de agoardente, dirija-se ao armazem do Sol á rua dos Caldereiros, que achará com quem tractar, sendo para o reconcavo.

Precisa-se de uma ama para cosinha de pequena familia; quem pretender dirija-se á loja n.º 72 B ao Caes Dou-rado, prefere-se captiva.

Está exposta á venda na loja de livros ao largo da Praça do Sr. Martin, a nova modinha intitulada— **O meu penar**, por José Bruno Correia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

21 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 4.^a—N.º 38

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n.º 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de abril de 1866.

Officio ao Sr. inspector do gaz, pedindo-lhe providencias para que os accendedores que á bocca da noite são tão negligentes e so accendem os lampões as 7 horas e depois; demadruçada não sejam tão expeditos apagando-os logo que dão 4 horas. Entre outros cita-se o que do Caminho Novo vem á ladeira dos Gatos. Não se sabe si é por que o homem tenha outro emprego e queira abreviar o negocio, ou si por insinuações da Companhia para economisar; por isso pede-se a S.S. preste um pouco de attenção ao que aqui se lhe expõe.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que faça desmanchar um ajuntamento de rapazes que ha á noute, tarde, na ladeira da Misericórdia, de frente da casa de uma tal Lucrecia Crioula.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando lhe que vá até a matriz de Pirajá e traga para bordo alguns pedreiros e serventes que alli se acham trabalhando, e que mo consta provocam a quem por alli passa, espe-

cialmente um tal Theodorico de Santa Izabel, pedreiro, e Domingos da Rocha, servente, que são os cabeças do pagode. Cumpra.

—Ah! celebre companhia da limpeza! quem lhe limpasse as ventas precisava ella!

Pois alli, na ladeira das Hortas, o Sr. Costa Guimarães que tanto se empenhou para *fazer limpeza* não vê um cano aberto em que os moradores da rua fazem despejo? Não vê aquella montanha de materias feccas que alli jaz?

Para quem fica aquillo?

Ora, Sr Costa Guimarães, mande tirar da rua o que é seu!

—Tambem nunca vi assim; a camara e a limpeza fizeram uma *liga de encouraçados* que eu duvido que jamais *voltem contra si os seus esporões*.

—E esta?

O praso da substituição das cedulas de 5\$ rs. finda-se a 30 do corrente, e suspendeu-se a substituição.

—Mas por que?

—Por que acabaram-so os miudos na thesouracia e onde não ha el-rei o perde.

—Bello!

—Não é possivel porém que deixo

do haver prorrogação; o Exm. Sr. vice-presidente ha de dar as providencias e o remedio virá do quem o pode administrar.

—E a não ser assim era o mesmo que o Lucas na Feira. . . .

A PEDIDO

—Então, Sr. Manuel de S. Carlos, como tem passado? Como vae o doutor?

—Oh! estou aqui damnado com o Alabama! Mas foi bom; ha males que vem para bem.

—Mas que ha?

—Disseram que meu filho era mulato e que tinha parentes captivos e o Dr. que é de sentimentos veixou-se e foi á secretaria ecclesiastica tirar umas certidões, pelas quaes descobriu sua ascendencia.

—Então o Dr. Aberém não é mulato?!

—Ora Sr! que desaforo!

—E ser mulato é injuria, para que o Sr. arregalasse tanto os olhos e me quizesse comer pela cabeça?! A deshonra está nas acções más que o homem pratica e não na cor que é um mero accidente.

—Ou assim ou assado, descobriu o Dr. . . .

—Quando se falla como eu fallo, é porque certos cujos querem *desertar*, pobres galhas, mettem-se no meio dos pavões e de patos querem passar a ganços.

—Ai, ai!

Descobriu o Dr. que era descendente dos Cavalcantis de Pernambuco.

—Isto negocio claro, decidido, corrente? em linha directa e legal ou com alguma mucama do. . . .

—Oh! Sr.! não me faça saber do serio!

Em linha recta; elle traz no bolso os documentos para mostrar a seus amigos.

—Bom, estimo muito.

Como vae com o relatorio da caza de prisão sem trabalho?

—O Sr. parece decidido a cassuar comigo.

—Quer então que lhe falle nos seus trabalhos mentaes?

—Sr., não zombo!

—Pois o que hei de fazer com V., um velho desfructavel, orgulhoso, gabolas e mentiroso como o almocreve de petas?

Não tem tido mais fatalidades, além daquellas?

—Oh! Sr. não me lembre esse terrivel dia!

—Repita-me suas infelicidades, eu partilharei da sua dor; choraremos juntos e menos amargo será o pranto.

—Foi no dia. . . . não me recordo.

—Uma data fatal não se perde facilmente da memoria.

—Tenho tanto em que cuidar!

Foi um dia. . . .

—Assim principiam as historias da carochinha.

— . . . dei á dona da caza 15\$ rs. para a despeza do dia.

—Assim dá em vasa barris; quem cabras não tem e cabritos vende. . . .

—Não sei onde a tonta da mulher deitou o dinheiro que perdeu 10\$ rs..

Procurou-se a caza toda; vira daqui, saca dalli, mexe de ca, remexe acola, nada de dinheiro. Sabendo do caso e não tendo miudos disse que comigo fosse a preta á cidade baixa para trazer o dinheiro da despeza. Nisto abre uma gaveta para tirar uns papeis e acho um bilhete do Rio que tinha corrido ha muito e de que absolutamente me não lembrava.

—Dinheiro na sua caza era cisco.

—Metti o bilhete na carteira, em que havia 60 contos. . . .

—Si 60 contos o vissem, que carreira não dariam!

— . . . em dinheiro e letras.

—Que gabolas! Só si era V. o devedor!

—Chegando á cidade baixa, entro n'um armazem e contando o caso, tiro a carteira, mostro o bilhete e não sei porque fatalidade deixo a carteira em cima do baleão, recostado ao qual ainda conversei por algum tempo. Ajustei depois os generos e mandei a preta esperar em quanto ia ao Miguel ver o bilhete com que fiquei na mão. O bilhete tinha dado vinte contos!

—Arabicos.

—Foi immenso o meu jubilo; recebi logo o dinheiro, mas oh! fatalidade! quando metti a mão no bolso para guardar o dinheiro, que é da carteira? . . .

Sobresaltado, corri, voci até o armazem; indaga, procura, vasculha, nada de carteira, foi debalde; pela primeira vez deixou de ser attendida minha palavra que alliançava que a carteira ficara no balcão.

—Isto é caso de força.

—Pois eu resignei-me; não era de todo infeliz, porque recebia vinte e perdia sessenta.

—Que alma grande!

—Tirei então os vinte contos e dei á negra. . .

—Muita confiança tinha o Sr. nella!

—Muita. Disse-lhe que entregasse o dinheiro a Sinhá, que esta tirasse o dinheiro da despeza e guardasse o resto.

—Ja não era então preciso trocar? nem pagar ao armazem?

Ora va elle!

—Ouça o resto, a consequencia das das minhas facilidades.

· Duas horas depois, apparece-me a negra em lamentações, a dizer que ia morrer, lançar-se no dique & perguntei-lhe que diabo tinha, a negra renovou as lamentações, até que por fim a negra confessou que perdera os vinte contos e que se ia enforcar.

—Mais no caso de se enforcar estava o Sr. que era a victima.

—Pois não me alterei.

—Santa paciencia!

Eu creio que Job lhe invejaria, si fosse seu contemporaneo.

—Nos meus trabalhos mentaes vi logo que era aquelle um dia aziago, em que a Providencia me punha em prova, e revesti-me de resignação; receiei que a negra fosse commetter algum crime e para fazel-a crer que nada soffreria, que estava perdoada de sua involuntaria falta, tirei do bolso tres mil reis que me restavam e dei-lhe, dizendo que comprasse uma saia para ella e fosse para a caza.

—Eu tambem, como os não tenho, não me importo de perder cem contos de . . .

—E a graça não é esta; é que depois de todas essas fatalidades, continuei a tratar dos meus negocios até a hora costumada de subir para jantar.

— Eu lhe creio sim, Sr.!

Ouviram toda essa patacoada que este pachola acabou de contar?

Faz rir! este pobre diabo que sacrificios não fez para educar o filho! E vem fallar em contos de reis, quantia que elle nunca viu nem teve em suas mãos.

Este Dr. Aberém que V. vê abi imposturando estudava com o paletozinho de cotovellos rotos.

E este bolas não se lembra que estamos em terra em que nos coubeemos!

Vae, lobo, vae vendendo tuas pomadas por ahi até que os moleques te tomem conta e desfaçam em tiras o rabo de eurió da tua celebre casaca.

Consta-nos que em certa caza nas mmediações da policia, das 10 horas em diante principia a escamotagem jogatinal, e isso com todo o escandalo, e mençseabo á lei e ás authoridades; tendo ja havido pancadarias, trastes rotos, & ajuntam-se francezes, hespanhoes, e um celebre portuguez das commendas, muito rico nas plagas lusitanas, mas que veio para esfollar aos papalvos, e a policia. . . a policia. . . no semno da innocencia, estamos no tempo da liberdade.

Continuaremos.

O official de justiça.

Ao commandante dos pitús.

Caro te ha de custar

A minha preterição:

Segura bem a corcova

Que vaes de ventas ao chão.

Tem se visto phenomenos espantosos

Nesta terra toda ella novidades;

Tem se visto muito burro de casaca

E até o casamento de tres frades.

Viu-se um gato com as redeas do governo;

Viu-se um burro ladpar como cachorro;

Sobre o mar ja se viu nascer um touro,

Viu-se um peixe nadar em secco morro.

Viu-se um homem matar a sua escrava

Com a espora que trazia atada á pata;

Um ladrão que não tendo o que roubar
De quanto interro havia andar à cata.

Viu-se cousas que não posso relatar
Porque o pejo me suffoca e me detem;
O pudor torpemente escarnecido;
O cynismo ostentando a par do bem.

Eu que livre nasci, livre serei,
E livre do poder não tenho medo,
Gritando hei de dizer o quanto sinto,
Sentindo não começar isso mais cedo,

Mas é porque até hoje
Nem pessoa alguma viu,
Por um decreto elevar-se
A commandante um chibiu.

Elevar tão feio grillo
Ao posto de commandante,
E' cassuar com Quinquim;
Preferindo-se um tratante.

Ao posto de commandante
Passar um carcunda feio,
E' enigma insondavel
Todo de mysterios cheio.

São arranjos do Manduca,
Do feio gato marisco;
Que puehando uma carroça
Podia carregar ei-co.

—Capitão, ainda uma do Rei dos moleques.

—Com effeito!

—Não lembra-se d'uma historia d'um vestido preto que elle tomou da comadre para empenhar e mettu os cobres no peito?

—Sim.

—A pobre da comadre tendo alugado uma caza, subloca-a depois a um estrangeiro que lhe ficou a dever alguns mezes; a moça chamou o homem a juiso e Salú offereceu-se para procurador e procurou tanto e tão bem (para si) quenem aos meirinhos pagou.

A comadre ficou exaurida; o vampiro do compadre tinha lhe sugado a ultima gota de sangue; foi mister recorrer a meios extremos; a infeliz deu ao ladrão seu vestido preto para empenhar por 30\$, quantia que Salú poz no peito, sem a menor compaixão da senhora que nelle confiava.

—Até ahi sei eu.

—E nunca mais ninguem soube do vestido; embalde foi ter com a tia de Salú a infeliz prejudicada!

Agora quer Salú 100\$ da senhora!

—Mas para que?

—Supponho que a titulo de *pro labore*, seus emolumentos por ter servido de procurador na causa da comadre.

—Forte patife! realmente não toma vergonha esse larapio de casaca!

Muxingueiro, vae metter-lhe a taca onde quer que o encontres.

Forte salado!

Sr. Redactor —Para desfazer infundadas suspeitas, sirva-se de declarar si eu tive alguma parte nos artigos dos ns. 35 e 37 do seu jornal, que dizem respeito a um inspector do Caes do Ouro. Bahia 19 de abril de 1866.

João Cardoso Pereira Soares.

Não, senhor. Bahia etc.

A Redacção.

ANNUNCIOS.

ATTENÇÃO.

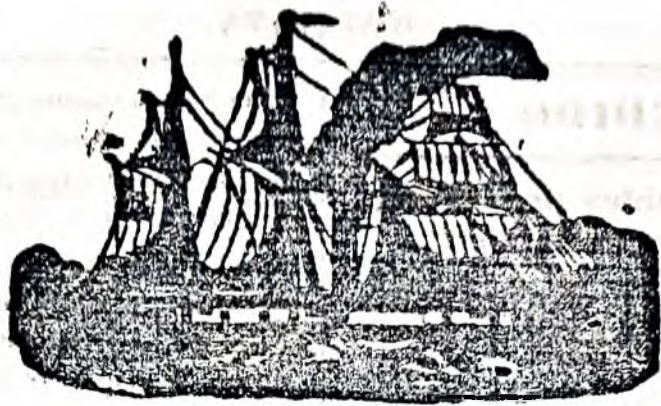
Tem dono o cachorrinho branco cabelludo com marcas cor de barro, o qual dosappareceu da Rua do Paço: por tanto quem o achou fará o especial favor de entregal-o na casa junto a igreja da Conceição do Boqueirão. Outro-sim, previne-se punir-se com o rigor da lei a quem o tiver escondido.

Podê-se á pessoa a quem for offerecida uma caneta com as iniciaes L. J. B., o favor de leval-a a ladeira do Aljubo n. 5, que será recompensada, si accaso o exigir. Faz-se este annuncio não pelo valor da caneta, mas pela estima em que se a tem.

Roga-se aos Srs. que estão devendo na loja de cera a rua da Misericordia, que venham liquidar suas contas no praso de 8 dias a contar da data deste; do contrario verão seus nomes e as quantias neste jornal. Bahia 20 de abril de 1866.

Está exposta á venda na loja de livros ao largo da Praça do Sr. Martin, a nova modinha intitulada — **O meu penar**, por José Bruno Correia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

24 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 4.^a—N.º 59

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de abril de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá à rua dos *Genipapos* e pegue-me um moço creador de pombos que ahi habita; indague si elle não tem outro meio de vida; intime-lhe que não continue a quebrar os telhados da vizinhança, e si qualquer palavra menos agradavel ouzar dizer traga-o para bordo, afim de se lhe ensinar a ROLAR POMBINHAS com a taca do muxingueiro. Cumpra.

—O vigario Abutre fez mesmo uma de abutre; foi chamado um destes dias para confessar e ungir um seu parochiano e nem a gancho la foi.

Aos chamados respondia que no dia seguinte la iria; e a mulher morreu no mesmo dia ás 2 horas da manhan.

—E a que horas foi chamado?

—A uma hora da tarde; não foi, a pretexto de chuva, quando a casa da infirma era bem perto da sua.

—Deixe estar, o diabo que é o chefe dos abutres lhe fará tambem as contas.

—Aposto que a policia não soube.

—De que?

—Na terça feira ao beco do Queiroz, onde morava uma crioula de nome Maria e uma parda paralytica Juliana, foi ter o olho-vivo. Em quanto Maria sahio, entrou em caza um sujeito branco e poz se a trabalhar para abrir o quarto della.

Um caxorrinho Dentice, vendo gente extranha, começou a latir e a investir; o ladrão começou a ficar embaraçado sem bem poder fazer a operação na porta, com receio de que o cão lhe pregasse alguma dentada, pois que já o atropellava pelas pernas.

Ao latir do caxorro, a paralytica começou a perguntar quem era, e não tendo resposta poz-se a gritar. O ladrão foi até o logar em que se achava a infeliz Juliana e ameaçou-a de morte, si gritasse. A mulher atterrou-se a principio, mas depois cobrou animo e repetiu os gritos; o caxorro acompanhou-a, latiu furiosamente, de sorte que o larapio, receioso, escafedeu-se sem nada ter feito, são e salvo.

Nem a policia nem a vizinhança ouviu; si o tratante não é tão covardo lambia o *ourinho* da creoula, e adeus, Sras., que eu parto!

—Esta terra vae realmento n'uma desfilada de progresso, que seu futuro é ameaçador.

A PEDIDO

Como a assemblea provincial promove o bem publico.

Na previsão infallivel de continuarem os apuros financeiros do Brasil, se ha aventado na camara dos deputados geraes a ideia d'uma redução de 5 por c. nos ordenados dos empregados publicos. Em quanto assim se discute naquelle foco de luzes, a nossa assemblea provincial acha opportuna e justa a elevação de 30 por c. nos vencimentos dos empregados da thesouraria da provincia!

Que bom senso!

Que zelo pelos interesses publicos!

Ai dos povos que são regidos por leis promulgadas pela ignorancia, pela presumpção e pela leviandade! . . .

Descobriram accaso os legisladores provinciaes, que, durante os embarços financeiros do imperio, a Bahia não fará parte deste? não soffrerá aquelles? A parte não entra na composição do todo?

Oh! rara penetração!

Si, como parece, vingar tal escandalo, so resta á Bahia appellar para a recusa de sanção da presidencia; que certamente não quererá carregar com essa responsabilidade ante o governo geral e a opinião publica da provincia.

Um roceiro.

Ao commandante dos pitús.

Caro te ha de custar
A minha preterição;
Segura bem a corcova
Que vaes de ventas ao chão.

Um lardo matungo nos pastos gerado,
Pelludo, quadrado, quiz ser commandante;
Vae *Mané de Souza* que serve de empenho
E elle gamenho espera chibante.

Audacia pasmosa! la foi o safado
Por ser descarado buscar a patente;
E para o senado é o passo primeiro
Que dá o sendeiro que foi presidente.

Zombando do mundo por julgar-se gente
Carcunda insolente se mostra fardado!
Havendo ja outro que os mortos interra,
Diz quer ir p'ra guerra n'um gato montado.

E' este o momento Sr. coronel
Em que o Manuel não te pode valer....
São contas antigas que quero ajustar;
E has de saldar, pois ficaste a dever.

A setta que atiro te ha de ir ao couro
E dar um estouro mesmo de matar!
E tu meu burrego nos campos sem fim
Comendo capim te has de occultar.

Mas, la onde quer que estejas occulto
Veras o meu vulto dizendo a verdade....
Ouvirás fraca voz do tumulto erguida
Da escrava perdida por tua maldade.

Que mal te fez ella, homem desalmado
Careca damnado, do mundo terror?
Tiraste-lhe a vida a golpes d'espora!....
E hoje nem coras, homem sem pudor!

Bem sei meu careca que nada te atterra
Porque n'esta terra tudo é esplendor;
Eleva-se um lorpa sem brio na cara
E não se repara si é elle um traidor!

Mas, os moleques sem compaixão
Hão de cantar este estribilho:
Jumento que come milho
Não commanda batalhão.

Com tal cara de mamão,
Rinchando como sandeu,
E com genio de judeu
Não commanda batalhão.

Dizendo ser mocetão,
Matando escravas á espora
Mesmo na casa em que mora
Não commanda batalhão.

— Que diabo de grasnada é uma?

— E' mesmo uma *grasinada*; são aquelles dous velhos que não deixam a visinhança socegar, que se descompoem e injuriam alternadamente por ciumes.

— Quem são elles?

— Um é o L. Barboza, deputado do J. Garibaldi e Napoleão III, condecorado com a mitra do papa e com a grã-cruz de todas as ordens, grão-mestre da maçonaria & & &.

O outro é um demonio que foi caixeiro de um tal Amaro em Cachoeira e, si não é despedido, passava a perna no homem, passava de caixeiro de amo.

— Ignoro.

— Falla nagô.

— Peior.

— E' um velhaça que anda agora pelo forum a tractar de certos negocios

seus em que o unico quo não tem razão é elle.

—Cada vez conheço menos.

—É um sujeito que anda com dous torreões, ora um preto ora um branco; anda de calcinhas mui apertadas, jaqueta e collete sem gravata.

—Fallas sem duvida do Grasiua.

—Justamente; é deste grasiador de quem fallo.

—Sabe a causa da questão?

—Mais ou menos. Esses dous velhos eram amigos, conversavam muito da janella, mas como o maçon é surdo respondia alhos por bugalhos; o que fazia rir muito uma sobrinha do *jaquetinha*, de quem o maçon veiu a apaixonar-se. Jaquetinha mora com uma irman que as más linguas dizem que é sua sogra; não gostou portanto da graça do maçon que perguntou á moça si queria unir-se a elle perante os altares.

Começou a seismar com o surdo e para que a sobrinha não pendesse para este disse que era um mendigo, que não tinha portanto dinheiro para dar a mulheres &c.

E intrigou-se por tal maneira com o surdo que diariamente ha insultos, escarros, gestos offensivos á moral e outras bandalheiras; chegam os velhos a desafiar-se, apparecem ambos de cassete na janella, mas nenhum sae á rua.

No dia 25 de março estava na janella o Jaquetinha a comer cana, em companhia de suas duas *cavacas*; jogavam continuamente o bagaço para a porta do surdo; mas o surdo nada via porque estava no interior; mandaram então jogar um tição na porta do homem, e como este tição não foi ainda visto, atiraram outro no meio da salla.

Houve o que se pode julgar: choveram os insultos.

No outro dia foi Jaquetinha queixar-se ao subdelegado, para fazer mudar o surdo.

O subdelegado disse-lhe que, insultado, testemunhasse o caso e dêsse queixa e veiu o tal — Sabe-tudo — com cara de asno, mettida a lingua onde não ha osso, astuciando maneira de incomodar o maçon.

Agora estes gritos que V. Ex. ouve, hoje 15 de abril, a uma hora da madrugada, são dos velhos e das cavacas; queixam se o Jaquetinha e os seus de ter o maçon lhe pintado a parede com carvão; mas ainda assim não acho justo que tanto *grasmen*.

—Muxingueiro, vae pegar o Jaquetinha e passa-lhe uma escovadella de metter respeito.

O outro não; é geralmente conhecido por um homem affectado do cerebro.

Joaquina Rosa do Sacramento em resposta ao que appareceu em algumas folhas desta cidade increpando-a de querer ella vender uma crioulinha de nome Amancia, faz ver ao publico ser isso uma falsidade por isso que essa crioulinha que existia em poder de sua senhora, hoje fallecida, Victoria Maria dos Anjos casada que foi com Raymundo d'Almeida, é na realidade escrava; e por uma procuração ordenou o mencionado Raymundo d'Almeida a dispor della e de alguns outros objectos deixados por sua fallecida mulher, fazendo de tudo entrega a seu procurador.

Por tanto quem souber que a referida escrava é liberta, apresente o titulo dessa liberdade; e o não fazendo lhe recahirá a pecha de calumniador.

Bahia 21 de abril de 1866.

Joaquina Rosa da Conceição.

(Copia.) Pela presente procuração por mim tão somente assignada na presença de tres testemunhas por não haver aqui tabellião ou escrivão, concedo á Sra. Joaquina Rosa do Sacramento amplos e illimitados poderes para poder por mim dispor como que si fosse eu proprio dos bens deixados por minha fallecida mulher a Sra Victoria Maria dos Anjos bem como a escrava Amancia e dou por firme e valioso tudo quanto a mesma senhora fizer na cidade da Bahia.

Ajuda 30 de junho de 1864

Raymundo d'Almeida.

Como testemunhas — Marcos Ferges

Ferraz; Marcellino dos Martyros Silva; Francisco do Souza Maciel.

Nós abaixo assignados attestamos o juraremos, si necessario for, em como as assignaturas supra são proprias e identicas dos signatarios, por termos dellas perfeito conhecimento. Bahia 3 de setembro de 1864.

Joaquim Pereira Marinho.

Thomaz de Souza Magalhães.

Reconheço as duas firmas do nós abaixo. Bahia 3 de setembro de 1864. Em testemunho de verdade—*Manuel Jorge Ferreira.*

(Está com o sello publico.)

Atenção!

Pele-se a certo portuguez, estabelecido com loja de fazendas ao Taboão, que não continúa a insultar e perseguir uma sua infeliz vizinha, sem motivo plausivel.

Quanto á cabeça perdida do seu caixeiro, parece que mais perdida a tem um homem que não vê que quando elle não é ti lo por cousa, muito menos o será uma pobre lesma.

Si continuar, o remedio é ir-se ao capitão do *Alabama*, e então lhe sae caro o negocio.

O homem da caza feliz.

Sr. Redactor.—Como na sua folha sob n. 36 tivesse tratado de pessoas que costumam ir em certa casa, a quem a umas devo amizade e outras nem as conheço, e tendo me dito um amigo que intrigantes vis para levarem a effeito seus fins e nutrirem seus genios de detractores, attribuem esses escriptos a pessoas de minha amizade e por minha intervenção; tenho so a dizer a esses genios da maledicencia que não costume fallar por detraz dos respectivos e os meus principios foram outros.

R. M.

Até quando quererá trazer suspensos os nossos juizos o Sr. conego Jorge Franco? Desde que S. S. nos pediu que suspendessemos o nosso juizo por oc-

casião de ser suspenso de ordens pelo Exm. Sr. archebispo, ninguém tem até agora podido pensar e cremos que tem sido por isso que os Srs. d'assemblea tem andado á matroca e os gatunos tambem.

Um cançado.

Atenção!

Será verdade que foi preso como desertor do exercito o Sr. Thimoteo F. Leite, homem muito conhecido, matriculado na estrada de ferro e morador á Plata-forma?

Será verdade que foi elle solto, depois de dous dias, em consequencia de diversas reclamações?

Será verdade que ficou elle preso em Pirajá sem que viesse á cidade, só com o fim de ser perseguido?

Será verdade que essa perseguição provém de intrigas com o Sr. vigar. o Brito que sempre anda em questões.

E' o que se deseja saber: o Sr. subdelegado respectivo, bem vê, si é que se dirige e tem cabeça, que não pode estar a acobertar attentados contra a liberdade do cidadão.

Um que tambem enærga.

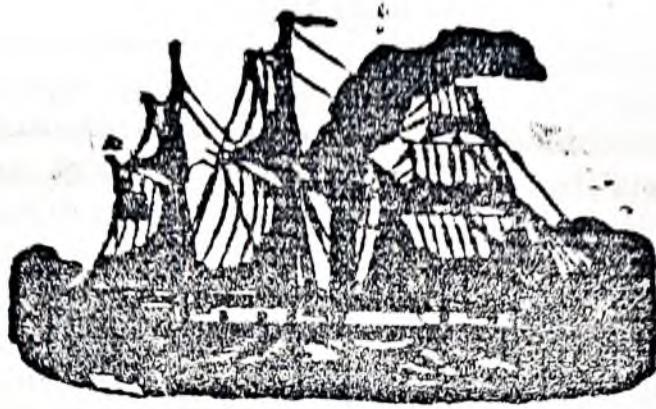
Adverte-se a certo sachristão, relo de sinhá Monica, que não continúa com seu escandaloso namoro salpreso com a menina ao pé do *Xaveiro do ceu*, por que arrisca-se a que o mandem agarrar e lhe applicuem um confortavel clister de pimenta.

ANNUNCIOS.

Fugiu do abaixo assignado ao Campo da Polvora, um caxorriho do Reino, branco, cabelludo, com uma pequena ferida no pescoço, accode por Nilo quem o achar, e levar a dita roça ou ao trapiche Julião será recompensado com 5\$000. *João Manuel Fernandes.*

Está exposta á venda na loja de livros ao largo da Praça do Sr. Martin, a nova modinha intitulada—**O meu penar**, por José Bruno Correia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

26 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 4.^a—N.º 40

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de abril de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá à cidade inferior, procure um portuguez estabelecido com venda defronte do trapiche maior na rua do *Coço beatificado*, e o traga para bordo, por costumarem virar gato e andar trepado pelos telhados alheios, além de em certas occasiões querer á força entrar onde não lhe chamam, procedimento pelo qual tem de responder. Cumpra.

—Capitão, a Joaquina do André Pinto fez gemer os prelos.

—Que diz?

—Diz que a crioulinha Amancia é escrava de Raymundo, marido de Victoria, o qual a authorizou a dispor de todos os bens deixados por sua mulher.

—Que é da procuração?

—Foi publicarla; é passada em Ajuda aos 30 de junho de 1864 e reconhecida na Bahia a 3 de setembro do mesmo anno pelos Srs. Thomaz de Souza Magalhães e Joaquim Pereira Marinho.

—Olé! o negocio vac encruando; ainda que a crioula tivesse nascido livre

não ha quem seja capaz de dar-lhe o goso de sua liberdade.

—Pois a Joaquina diz que ficará tido por calumniador quem não apresentar o titulo de liberdade da rapariga,

—Ora bem bello!

Dêsse-me ella todos os papeis de Victoria que eu havia de pegar o *sabido* a jeito. E depois aqui nada se affiançou; pediu-se apenas ao Sr. Dr. chefe de policia que havendo taes e taes boatos, delles indagasse para ver si colhia alguma cousa.

Que diz a procuração?

—Que Joaquina pode dispor dos bens deixados por Victoria, como si fosse Raymundo, *bem como* da escrava Amancia.

—Esta especificação mette medo; traz á ideia *machiavelismo*. Pois nos bens deixados por Victoria ja não está incluída Amancia? Para que essa declaração especial?

Olhe que no negocio anda dente de coelho.

—Não sei, nem quero saber, nem complicar-me; falla-se, quem tiver obrigação que se interesse.

Ponho fim á cousa.

—Estamos em tal estado que até o *Abaixadinho* faz barulhos do diabo! Estamos n'um mau andar; conflictos por

to-la a parte, especialmente na freguezia da Sè, onde se amontoam os capadócios de todas as freguezias para fazerem suas molequeiras.

—Mas como foi o negocio do tal sujeito abaixadinho?

—Foi no domingo; fez elle um samba e poz-se a tocar gaita; a mulher com o compasso do samba e com os maviosos toques do instrumento de seu marido, ia sentindo certas sensações, que ella, tyranna, queria desvanecer com goladas de cotréa; tantas vezes usou do remedio que este produziu effeito: uma desordeme ntre ella e o marido!

O abaixadinho que é dos diabos pegou d'um cassete e aos pulinhos fez ver á mulher que em caza havia homem; Lumbou com desafoço a metade empitorrada.

A mulher gritou; aos gritos acudiu gente, cujas fileiras muito se engrossaram pelo extraordinario e singular da pessoa que servia de heróe naquella comedia.

Accommoda, pega daqui, deixe-se disto &, quando diz um sujeito: Que ha de estar esta metade de homem a incômodar a gente!

Abaixadinho enfureceu-se contra a injuria, quiz fazer novo barulho, mas custou-lhe caro. A este tempo, corre a mulher ao deposito de suas economias delle, saca-lhe 30\$ rs. e foge.

Quando elle reconheceu que a mulher não estava em caza, correu ao cofre e achou-se em branco; novo alarido, gritos daqui d'el-rei e o diabo a quatro.

E assim, n'uma só tarde, um meio homem fez tres *sareeiros* por conta!

—E que fez a policia?

—Quiz accommodal-o, não conseguiu; estavam presentes inspectores e patrullhas.

—Isto é que se chama energia policial!

A PEDIDO

—Ora puff!

Que espicharetur do diabo!

Um moço tão bonito dizer tanta asneira em tão pouco tempo!

Eu logo vi! Aquelle *menino bonito* do Lyceu, aquelle estudante *branco*, distincto dos de cor, aquelle bobo que se fechava n'uma sala com meia duzia de sabidos para discutirem, o Sr. *Sobrinho da Figueira* não podia dar bons fructos.

Tendo memoria e verbosidade, o presumpçoso lê quatro pensamentos bonitos e superficialmente, sem nenhum conhecimento da materia, o parlapatão engrola quatro tolices e illude a quem nunca lhe foi ao fundo, a quem não sabe que elle nada sabe.

Agora, *desputado*, faz a sua estrêa; os que pensam que tudo que luz é ouro esperavam do mocinho muita cousa.

Mas qual! Si o mocinho tornou-se n'um bicho feio! metten a cara (tão linda que é!) entre os cabellos e parece um urso, a metter medo a gente!

E foi o que fez; com as theorias extravagantes que expendeu, com as asneiras que proferiu, metten medo aos companheiros e ao povo que fugiam dos seus logares, assim como delle fugia o bom senso.

Oh! que foi um desfructe desfructavel!

—Mas então que disse o homem?

—Matou o partido liberal a ferro e fogo em 1849; matou o conservador por meio de reformas em 1855.

—Valentão do diabo!

Pois naquelle tempo o rapaz ainda brincava com bichinhas.

—E depois de rojar miseravelmente pelos pés do Sr. Saraiva, fazem ambos um novo partido (antes um todo) o unico que existe, o unico que pode existir, neste seculo que teve o prazer de contar entre seus homens illustres esse abortto de sapiencia, eloquencia e demencia, que se chama o Sobrinho da Figueira!

Cilrou-se n'isto a grandeza do poeta que foi correspondido com meia duzia de bufas ás quaes eu acrescento agora o meu=puff!

AO PUBLICO.

Sr. Redactor.—Queira publicar-me no seu conceituado jornal estas quatro

linha: nas quaes apresento as dividas deixadas p la fallecida Victoria Maria dos Anjos, a mulher que foi de Raymundo d'Almeida e senhora da cria Amancia.

Quanto a dizerem que Victoria nada deve, pode saber do Sr. Manuel José da Rocha, si ella não ficou devendo a elle dezaseis mezes de caza na razão de 12\$000 mensaes, e si tambem não ficou devendo uma letra de duzentos mil rs. assignada em arrego do supplicante José Roberto que é padrinho da crioulinha Amancia.

Quanto tambem a dizerem que a supplicante entre outros escravos que possuia, e que tambem tinha a crioulinha Amancia, que querem vender, quaes são os outros escravos? os que eu conheci foi um velho de nome Florencio o qual acha-se forro, por que a supplicante mesma mandou pedir licença a seu marido para botal-o no hospital por não poder mais cural-o, então nesta occasião foi elle forro.

Quanto a dizerem que a dous annos ella é morta e que agora é que se quer vender a crioulinha, qual o interesse em se vender; ainda apresento que eu mesma mandei a crioulinha em casa de seu padrinho José Roberto dizer-lhe que eu tinha recebido uma carta da Costa de Raymundo d'Almeida, elle respondeu que ja sabia e que o que eu fizesse era bem feito.

Continuei a escrever para a Costa, e obtive sempre resposta e que mandasse o rol de tudo quanto Victoria deixou, eu mandei e de novo escrevi, e obtive resposta que vendesse tudo, e tambem a crioulinha Amancia. De novo escrevi-lhe dizendo que mandasse buscar a menina, elle tornou a responder-me que não, e so que eu vendesse a crioulinha e entregasse o dinheiro a seu procurador; junto com o dos mais objectos que lhe mandei no rel.

Existem em meu poder todas estas cartas as quaes estou prompta a apresental-as em occasião opportuna. Respondam qual o interesse em eu vender essa cria, quando eu tenho tido vinte e oito e as que não estão em meu poder são as que morreram, as mais exis-

tem, e como posso eu querer vender uma so que não é minha? Si é que a carta de alforria da cria existe em mão de alguém, peço por favor que me apresentem, visto eu desejar vel-a livre de captivoiro. Victoria nada me disse Desejo ver a carta passada e assignada pelo senhor da cria.

Bahia 24 de abril de 1866.

Joaquina Rosa do Sacramento.

— Então como vae o Di ?

— Meu filho anda zangado; estas gazetinhas. . . .

— São honras; gente grande é que sahe nas folhas

— Mas sempre magôa.

— A quem tem vergonha.

Mas eu hoje venho agradecer-lho um favor Fui raposa e acabo de saber que o Sr. foi um raposa inteiro, de mão cheia.

— Oh! estive pela Sabinada em Itapagipe e fui o pae daquelle povo; fui para alli com minha familia e levei infinidade de bolachões; dava todos os dias um bolachão a cada pessoa que me ia á porta Ficou isso em costume e todos os dias a porta se enchia e um bolachão tocava a cada um.

— Bemaventurada transfiguração de Fr. Chagas raposa, eu te agradeço !

— Não tem de que; um bolachão para mim nada vale.

— Pobre pachola! quando has do perder esse costume de mentir? Quantos mil bolachões não te seriam precisos para sustentar uma povoação durante quatro mezes? Quem te pode crer?

So si fossem os aberens que a dona fabricava. . . .

— Oh! Sr. por quem é!

Pede-se a certo caixeiro que por devoção faz sentinella á noite n'uma janella na rua *calçada* o favor de não continuar, pois a visitação ja não pode aturar as suas dengueices; do contrario será entregue ao muxingueiro para lhe dar o que fazer.

—Dizem que ha na freguezia do S. Antonio o n filalgo *branco*, morador nas proxima das do patibulo das rezes, o qual acbta de sairar con 850 açoutes um rapaz le no ne Alexandre, livre de nascimento.

—O caso é serio.

—Dizem que esse infeliz surrado foi encontrado quando criança, involvido em coeiros, detraz da porta de uma senhora, devota de Santa Anna, e S. Joaquim e S. Silvestre; que ella o criou, mas que morreu sem fazer as declarações precisas por que o tal Sr. *Alves* a impediu de fazer testamento.

E mettido este de dentro, gamou o pobre rapaz e mandou o para a fazenda de um seu parento, na *ilha das freiras*.

Agora não sei que delicto fez o infeliz que tomou tão grande somma de açoutes, e a quem dizem está reservada segunda dôse, si não morrer da primeira.

E é realmente milagre; dizem que o homem deixa ver até os ossos com as chagas que tem no corpo.

—A ser verdade, além de roubarem-lhe a liberdade, martyrisarem-no tão barbaramente! E' terrivel!

—E terrivel é que não ha de haver o menor movimento da policia que não lê gazetinhas, nem presta attenção a denuncias metaphoricas.

—Que quer? A esta terra só pode valer a alma do celebre *Peixoto*.

—Veja este specimen de uma auctoridade nossa.

—Diga la.

—«Illm. Sr.—Para desempenho da ordem do Excel. Governo requesito a V. S. 70 prassas armadas no Sabbado, 8 do Corrente, pelas 8 horas da noite afim de dar exzecção da Portaria que ja apresentei a V. S. e por qualquer falta ficarei desionerado para com S. Ex. Deus Guarde a V. S. Pedrão 2 de Março de. . . . Illm. Sr. Tenente Coronel.

«Illm. Sr.—Respondendo o Officio de V. S. de data de 3 do corrente assereca do exzigido de V. S. Respondo que ja fiz quanto o Excel presidente me orde

nou, que foi apresentar a V. S. a portaria, e essa perante pessoas, e por escrita fiz arrequisição vindo esta armada e moniciada no dia marcado deixo com tudo de mandar copia por ter mandado apresentar a diferentes autoridades por onde eu nesse dia tenho de tocar afim de me prestarem com o que ordena o mesmo Excel. Governo, servindo os meus officios para desoneração de V. S. e por qual quer falta eu livre para com S. Exe.

Deus Guarde a V. S. Purificação 4 de março de. Illm. Sr. Tenente Coronel etc.

Raridades calçadens es.

O paraguayo Canêta.

A philosophia estúpida do João do Talho

As mentiras do Teixeira.

A faceirice e gaz do Bode George.

A constancia e renitencia do Sarmento.

O todo do usurario Reis.

O toilette preto do Broa.

O type e a paxorra do Rogero.

Os oculos da V. P.

O vestuario do Dr. Erva isto.

Os tamancos do Mendonça.

A brutalidade e estupidez do Ignacio.

A paciencia do gato marinheiro.

A sympathia do gato Romão.

A magrem do Olympio Boia.

As economias do José Oliveira.

A impostura do Manuel Silva.

A penitencia do correio Paiva.

A experteza do Sebastião.

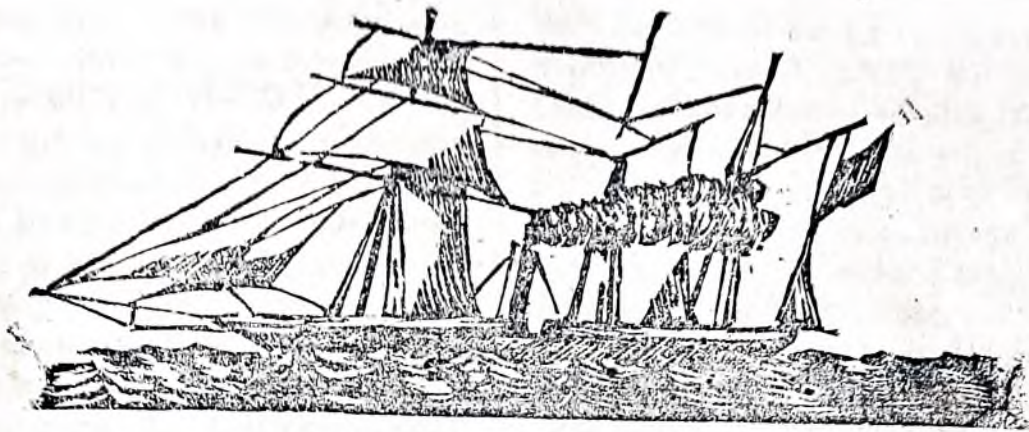
ANNUNCIO.

F. A. S. Igrapiuna pede a seus amigos que se dão ao incommodo e lhe dão a honra de o visitar, o favor de o fazerem o menos possivel, por certas razões que serão ditas em particular aos que o exigirem.

Bahia 25 de abril de 1866.

Precisa-se de uma ama no deposito de cal ao Caes Dourado.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

28 DE ABRIL DE 1866.

SERIE 3^a—N.º 41

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 5.^a serie do *Alabama*.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de abril de 1866.

Não houve expediente.

—Não se pode tolerar esta maldita empreza! Pois o Sr. Costa Guimarães ter a ousadia de fazer deposito do lixo da roça do Sr. Jacintho Alves de Sá!

Dentro da cidade, na rua das Mercês!

Quem não vê não o crê, tanto é o atrevimento, a ostentação da infracção da lei!

—Creio eu que se me tem dito; os moradores dalli ja não podem com as moscas, não levantam suas janellas! E estas assim mesmo fechadas, por mais cautellas que se tome, não impedem que as cazas estejam cheias de moscas que aos enxames e cardumes visitam todos os objectos e os moradores, pouco acostumados com boquinhas de insectos.

—E aquelle pobre convento! O que não soffrerá? Aquellas reclusas, alli agglomeradas, que dias não terão passado com a harmonia e os mimos da

creação do Sr. Costa Guimarães?

—E' para ver!

E em quanto alguém que se descuida bem merece o epitheto de papa-moscas, o tal Sr. ex-tenente coronel não deve ficar zangado si o chamarem de cria-moscas.

—Não sei como ha de ser!

—O que?

—Esta embrulhada dos cinco mil reis. Hoje são 27 de abril, a thesouraria não tem troco para dez, nem para vinte mil reis!

Quem não tem 25\$ para recolher não pode recolher 5\$, nem 10\$, nem 15\$, nem 20\$!

E as vendas, as cazas de negocio a não quererem receber o diabo das taes cedulas, ainda se gastando mais de um quinto do valor dellas!

Hontem por exemplo, mandou-se comprar uma garrafa de vinho do Porto velho e na freguezia da Sé não houve venda que quizesse receber o tal papel que o governo garantiu como cinco mil reis, *valor recebido!*

Oh! que tudo se ha de ver neste paiz!

—E a graça não é esta; é que os taes decantados 25\$, o unico troco que existe, são notas do Banco. O pobre, o operario que recoba seu salario, como se ha de haver com uma nota destas,

si não ha troco em parte alguma? Si é preciso rebater o seu dinheiro?

Não sei si direi: imprevidencia ou astucia do governo!

—Tambem não sei; custa pouco haver dinheiro miudo.

—Agora supponham que uma pessoa de fora, do interior da provincia, chega nestes dias a esta cidade e troca o dinheiro que tem em notas; recebe notas do Banco.

Mas elle tem de viajar a outra provincia e o dinheiro que o governo lhe dá não tem valor na provincia para que elle segue, porque o governo não quer!

Como se ha de haver este homem?

Em nada disso pensam os figurões que no alto de suas cadeiras não enxergam os pequēnos nem ouvem os gritos da miseria!

—E o melhor de tudo será, si no fim de contas, o governo não attende a que na Bahia faltou troco e nega a prorrogação do praso que o Exm. Sr. vice-presidente ja deve ter pedido.

—Tambem tudo é possível. . . .

—Daqui a pouco vem a superiora das charidades, vem o mordomo, vem o provedor da Santa Casa desmentirem, ou ao menos affiançarem o contrario debaixo de sua palavra de honra. Eu não sei; disseram-me que dentro do hospital de charidade ha jogos prohibidos entre empregados e certos doctes.

—Ha muito falla-se nisto.

—Dizem que o divertimento conclue sempre por um conflicto entre os da sucia; o que contribue para desmoralisação do estabelecimento: ha falta de respeito, de ordem, de disciplina.

—E' que a administração não sabe.

—Pois me disseram que a sucia renne-se em um quarto que fica por cima da privada; a administração pode pegal-os á mão em occasião em que mais entretidos se acharem.

E' preciso remedio.

—«Negar a influencia da familia Madureira é negar a influencia da minha familia.»

—Quem disse isto?

—O Dr. Melgaço.

—Oh! quanta species!

—Ou então é muita falta de modestia, orgulho fofo.

—E vire folha; dê a taes palavras melgaceas o valor que tem os elogios em bocca propria.

—Houve aqui um empresario de companhia lyrica que nunca passou pelo dissabor de ver o theatro em vassante: criava elle mesmo partidos, dava uma meia duzia de bilhetes a alguns rapazes estouvados os quaes se encarregavam de propalar que tal ou tal partido estava disposto a pateiar a actriz contraria; os amigos da pateanda influiam-se, queriam vencer em numero os adversarios e la se iam os bilhetes, e ficava cheia a platea; quanto aos camarotes abi estavam as assignaturas dos figurões.

—Pois olhe, creio que o Martins sabe da cousa e imita o tal empresario.

—Si imita! Pois elle unido ao Cezar de Lacerda, o primeiro *imitador* do mundo, não ha de saber imitar!

—Alto lá! O Martins é antigo nas imitações; ja teve a ousada sem-cerimonia de nos impingir —Perdi o vapor do Bomfim — como obra sua, quando é o mais vergonhoso plagiato, a copia mais miseravel da comedia —Por um tris. —

—São bons! como elles se unem!

—Mas então o Martins dá seus bilhetinhos de graça?

—Dizem.

—Ah! é por isso que agora frequenta o theatro certo Dr Cangalhas que não sei como abanca de tão longe, desde as Areias!

—Vem de burro; mas eu supponho que elle agora está frequentando por que tem a diaria; V. sabe que o homem está *desputado*.

—Artes do Martins, homem do Deus!

Dizem que elle offerece bilhetes aos deputados para ver si mama o subsidio, como si os deputados fizessem caso de

28 rs. e se deixassem levar por bagatellas

—Homem, este tempo é de arranjar, deixe o moço arranjar-se, que é muito engraçado.

—Arranje-se, quem o priva? Mas si elle arranjar-lhe tambem uma graça como a do Cotovia....

—Vejam o que são as cousas deste mundo. O Sr. Des. Silva Gomes fez algumas nomeações e demissões para o 3º districto da provincia, no sentido, dizem, de abater a influencia Madureira.

—Fez muito bem. E ainda assim, o Sr. Chico Madureira tem animo de dizer na face do povo, que sua familia domina o 3º districto!

—O directorio de quem fazia parte o Sr. Dantas era interessado na derrota dos Madureiras.

O Sr. Dantas sempre se disse, sempre se fez, sempre se mostrou intimo amigo do Sr. Des. Silva Gomes.

Mas sabe o que fez o Sr. Dantas? desfez algumas das nomeações, fez algumas reintegrações no 3º districto, no sentido de dar influencia aos Srs. Madureiras, e *ipso facto* desmoralisar o seu amigo Silva Gomes, o qual é diariamente vituperado n'assemblea pelos taes deputados do Sr. Madureira e por um membro de sua familia. Expressões indignas do parlamento são dirigidas contra o Sr. Des. Silva Gomes; felizmente não ficam sem protesto energico de um amigo leal e sincero.

—Destes encontra-se poucos; o de que ha muitos são os do calibre dos Manés de Souza.

—Oh! factos horriveis tem se dado! E' em Alagoas um jogador estúpido que entra no domicilio de uma pobre mãe e rouba-lhe uma criancinha pagã, uma innocente filhinha a quem mata e arranca a nuabecca!

—Mas para que, meu Deus?

—Porque corre que o jogador que tem uma mão de menino pagão nunca perde no jogo!

—Barbaridade! Eis ahi os effeitos dessas crendices que lavram entre a gente ignara....

—E' aqui, nas nossas barbas, em Cachoeira, no arraial de Belém, um pae que tem tres filhas, que as desflora, e que mata a segunda, na occasião do parto.

—Oh! ainda uma vez que razão teria esse malvado para isso?

—Por perguntar elle á filha quem era o pae do menino e responder-lhe ella que ninguem melhor do que elle o sabia.

Agarrou-a, conduziu-a a rastos até a porta da rua e matou-a a pancadas, ameaçando de matar tambem a parteira e outras pessoas, si revelassem o crime.

—Tudo effeitos da perversidade!

—Sim; mas o crime ainda que não, em tão larga escala dobra de horror, quando é commettido por quem deve ter sido illustrado pela Religião, pelo educação, qualquer que ella seja. Ouça agora uma barbaridade d'um subdelegado; é de Sant'Anna do Catú; o homem de nenhuma maneira quiz fazer o corpo de delicto que lhe requereu um paciente, visto que, segundo o *Jornal*, os criminosos são seus parentes. Tão bom é o ladrão como o consentidor.

No dia 9 do corrente quatro malvados assaltaram e invadiram a casa de Maria Luiza do Spirito Santo, e armados de cassetes, esbordoaram a mulher e quebraram-lhe a cabeça em dous ou tres logares; deram-lhe depois muitos bolos, roubaram-lhe quanto possuia, até as argollas que trazia nas orelhas e arrasaram-lhe a casinha em que morava!

E o subdelegado impassivel!

—E que faz o chefe de policia?

—A infeliz veio a esta capital, e o Sr. Dr. chefe de policia mandou proceder a corpo de delicto, sendo julgados os ferimentos graves, tão graves que Deus sabe si escapará.

—Esperemos agora pelo resto; não é possivel ser conservado como autoridade um homem que pactua com crimes desta ordem.

—Ao menos a integridade do Sr. Dr. Villaboim affiança que hão de haver providencias.

E' muita cousa per junto.

A PEDIDO

Sr. capitão do *Alabama*. — Por vezes tem a imprensa chamado a atenção do Sr. commandante do porto para dar providencias sobre a obstrucção em que se acha o porto da Ribeira de Itapagipe, respeito ás ossadas de differentes embarcações que alli tem desmanchado um carecamano, e outros que alli tem estaleiros. Desmancham os altos das embarcações, deixando a quilha com as ossadas, que privam de chegarem embarcações, e ja tem accoeteido ficarem lanchas encalhadas em cima das ditas ossadas, que so são vistas com a maré vazia; em meia maré não são vistas. Já por vezes tem sido preciso botarem parte da carga fora para se safarem, e os saveiros e canôas daquelle porto são os unicos que alli entram á noite, por estarem praticos, e assim mesmo não tem deixado de algumas vezes ficarem espetados nas referidas cavernas.

Portanto é preciso que o Sr. commandante do porto que tem bons escalheres, vá alli ver com seus proprios olhos, que ha de achar mais do que se tem dito, e mesmo para não passar por verdade o que diz o tal carecamano, que não faz caso do que dizem as gazetas, porque lhe custa muito caro aquelle estaleiro alli. . . .

Si S. S. não quer providenciar com lhe cumpre, os maritimos daquelle ancoradouro recorrerão ao Exm. Sr. presidente, pois não é possivel continuar esse escandalo, com o beneficio de um e detrimento de todos os mais que fazem alli vida do mar, que á noite ja custam chegar no porto.

Oça, Sr. commandante do porto, e dê providencias.

Um que esteve espetado

— Não se lembra d'um sargento Mané de Souza que rompeu o chales da Eva, na ponte dos vapores?

— Que teve?

— Vive na Roda da Fortuna a escandalisar a vizinhança com seus amores mal correspondidos, e anda met-

tido a valentão, a querer dar em todo o mundo.

— Mas porque?

— Suspeita de qualquer pessoa porque a rapariga não nega agua a pintos, e então é uma descompostura dos seiscentos; depois quer dar pancadas.

Mas não é só por suas patifarias que elle faz disto; é genio do homem; ha pouco deu muita pancada n'uma preta africana, sem que se subesse o porque.

— Ah! Humaytá, que braço forte perdeste para te derrocar as muralhas!

— E' ao contrario um poltrão dos diabos com a Eva; ha pouco safou-se esta de caza e de joelhos o bobo foi pedir-lhe que tornasse á caza, ainda que rotas as relações, e só para o serviço da cosinha, quando no tempo della o cosinheiro era elle.

— *Omnia vincit amor*. Em geral os vencidos em amor são os vencedores na guerra; Cupido abate os heróes de Marte, por causa de seus amores com Venus.

— Deixemo-nos de cousas; o que é preciso é um remedio aos escandalos do Sr. Mané de Souza (sargento) que se tem tornado insupportavel.

— Recorra á policia; bata na porta do subdelegado, que quanto a minha, Deus lhe favoreça.

Pede-se a tres desfructaveis que andam pela freguezia de Santo Antonio a darem beneficio, um delles com um par de cangalhas nas fossas nasas burraes—o favor de la não tornarem, sob pena de publicar-se o que fazem, as insolencias que praticam, assim como seus nomee para que sejam conhecidos do publico e da policia que até hoje ainda não deu com taes peraltas.

ANNUNCIOS.

F. A. S. Igrapiúna pede a seus amigos que se dão ao incommodo e lho dão a honra de o visitar, o favor de o fazerem o menos possivel, por certas razões que serão ditas em particular aos que o exigirem.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.